



Cardeal Odilo Pedro Scherer abre o Ano Jubilar Franciscano na Arquidiocese de São Paulo

Luciney Martins/O SÃO PAULO



Cardeal Odilo Pedro Scherer, com Dom Rogério Augusto das Neves e frades na missa de abertura do Ano Jubilar Franciscano na Arquidiocese de São Paulo, no sábado, dia 21

Na memória dos 800 anos da morte de São Francisco, a Igreja em todo o mundo celebra o Ano Jubilar Franciscano, no qual os católicos, inspirados no Pobrezinho de Assis, são convidados a contemplar um modelo pleno de perfeição cristã.

Na Arquidiocese de São Paulo, a abertura do Jubileu aconteceu no sábado, 21, no Convento e Santuário São Francisco,

na região central, em missa presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer.

“Em Francisco, muitos veem um filho de Jesus Cristo, portador de uma mensagem clara, que não é a mensagem de Francisco, mas a mensagem do próprio Jesus, e que, por meio de São Francisco, continua a ser vivida e anunciada”, afirmou o Arcebispo.

Durante o Ano Jubilar, que prossegue

até 10 de janeiro de 2027, os fiéis poderão alcançar a indulgência plenária mediante o cumprimento das condições habituais – Confissão sacramental, participação na Eucaristia e oração nas intenções do Papa –, associadas à vivência devota das celebrações jubilares e à peregrinação a igrejas e espaços franciscanos.

Página 9

A educação católica une fé e razão, em diálogo com o coração

Esta edição do *Caderno Fé e Cultura* aprofunda reflexões acerca da carta apostólica *Desenhar novos mapas de esperança*, do Papa Leão XIV. Para a Igreja, a Educação não se limita à exposição de conteúdos e valores formativos, mas é um espaço de diálogo, à luz da fé, na busca de um mundo melhor e mais verdadeiro.

Reprodução



Editorial

Um caminho de fé e compromisso perante os problemas habitacionais

Página 4

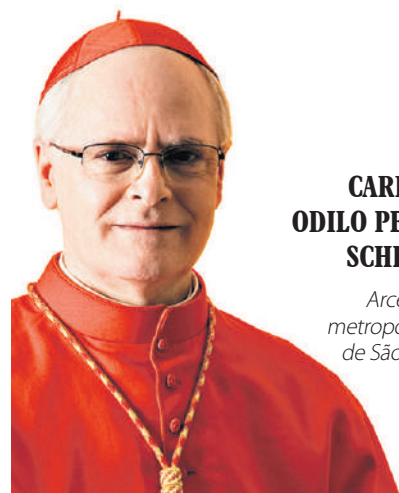
Encontro com o Pastor

Toda a Igreja é chamada a viver as graças do Ano Jubilar Franciscano

Página 2

Regiões episcopais iniciam a vivência da Campanha da Fraternidade

Páginas 11 a 13



**CARDEAL
ODILO PEDRO
SCHERER**

Arcebispo
metropolitano
de São Paulo

Jubileu Franciscano em São Paulo

Neste ano, são lembrados os 800 anos do falecimento de São Francisco de Assis. Todos os anos, nos ambientes franciscanos, o “Trânsito de São Francisco” é comemorado, mas desta vez será diferente: o Papa Leão XIV estendeu a comemoração para toda a Igreja, promulgando um Ano Jubilar Franciscano.

Assim, de 10 de janeiro de 2026 a 10 de janeiro de 2027, em todo o mundo, as igrejas, capelas e santuários ligados aos Franciscanos tornam-se lugares de peregrinação, nos quais os fiéis podem realizar as suas devoções e receber as graças habitualmente ligadas aos Anos Jubilares: o perdão e a reconciliação com Deus, a renovação da vida cristã e a indulgência plenária. No dia 21 de fevereiro passado, o Jubileu Franciscano foi aberto também em São Paulo com uma celebração no Santuário de São Francisco e São Domingos (Largo São Francisco), no centro de São Paulo, com a participação de membros dos diversos ramos

da “Família Franciscana”.

O Jubileu Franciscano é ocasião para conhecer melhor São Francisco de Assis, esse grande Santo que deixou uma herança muito importante na vida da Igreja. Faz bem conhecer a vida e o contexto histórico em que viveram os Santos. Eles são os grandes discípulos de Jesus Cristo e sua vida concreta, suas lutas para serem fiéis a Deus e serem bons cristãos e bons filhos da Igreja podem ajudar os que também hoje vivem esses mesmos propósitos. A vida e o testemunho dos Santos são um patrimônio espiritual da Igreja e podem ser referências para o modo de ser cristão e viver a fé em cada momento e situação da história.

Embora seja Jubileu Franciscano, ele não é destinado unicamente aos Franciscanos e aderentes ao carisma franciscano, mas é um Jubileu de toda a Igreja. Na pessoa e na vida de São Francisco, encontramos bem desenvolvidas algumas características importantes da vida cristã. Ele foi um homem inteiramente convertido a Deus a partir de certo momento de sua vida, quando escolhe ter unicamente Deus como seu Pai. Como tal, centrou a sua vida em Deus (“meu Deus e meu tudo”) e no Evangelho de Cristo, procurando aprofundar mais e mais essa conversão ao longo de sua vida mediante a fidelidade e correspondência sempre maiores

ao Evangelho.

Francisco viveu a simplicidade, a transparência e a humildade das bem-aventuranças, desapegado de si e das seduções e vaidades da vida. Viveu voluntariamente o desapego dos bens, pobre entre os pobres, confiando inteiramente na Providência de Deus. Foi um penitente, que reconhecia a sua profunda insuficiência diante de Deus, pedindo todos os dias a misericórdia de Deus para seus pecados, dizendo-se um pecador necessitado do perdão de Deus.

E porque amava profundamente a Deus, Francisco também reconheceu como irmãos e irmãs todas as demais pessoas, sendo fraterno com todos. Para ele, após a sua conversão, o pobre, o leproso, o ladrão, os que o agrediam e maldiziam, o sultão do Egito e os antigos inimigos tornaram-se todos irmãos e irmãs. Por isso, com razão, ele foi chamado “irmão universal”, como deveria ser todo cristão: “Vós todos sois irmãos” (cf. Mt 23,8). E também reconheceu a beleza e a bondade de todas as criaturas de Deus, que chamava de irmão e irmã: “Irmão sol, irmã lua, irmão fogo, mãe terra, irmão lobo”... Francisco era um “homem evangélico, todo impregnado pelo Evangelho”. Assim, como verdadeiro discípulo de Jesus, ele também era genuinamente missionário, anunciando com a vida e as atitudes

o Evangelho e, se preciso fosse, também com as palavras. E mandou os frades que aderiam ao seu carisma serem missionários por toda parte, mesmo entre os povos distantes e não cristãos.

Francisco foi um homem apaixonado pela Igreja e entendeu bem o que significavam as palavras que ouviu do crucifixo: “Reconstrói a minha Igreja”. Era necessário mudar a Igreja a partir de dentro, mediante a volta à genuína vida cristã. E seu carisma foi uma grande bênção, recebendo a adesão de milhares de seguidores em toda a Europa ainda durante a sua vida, que não foi longa. Francisco não se enaideceu de seus dons, foi obediente ao Papa e ao Bispo, que reconheceram a autenticidade do seu modo de viver o Evangelho. Quanto bem, ao longo de 800 anos, Francisco realizou e continua realizando na Igreja mediante a sua herança espiritual!

O Pobrezinho de Assis foi um dos grandes místicos da história da Igreja, que integrou harmoniosamente a fé em Deus, a convivência com as pessoas e a relação com as criaturas de Deus. Por isso, também foi um homem de paz e promotor da paz: “Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz”. Na recordação dos 800 anos de sua morte, faz bem recordar a vida desse grande discípulo de Jesus, missionário, homem de comunhão, de fraternidade e paz, verdadeiro missionário do Evangelho.



SANTA CAROLINA

CHILE 1875

Nascida da inspiração e moldada pelo tempo,
Carolina carrega um legado histórico. Reinventa tradições,
cria novas experiências e desperta sensações únicas.
É ousadia com alma. É o passado que pulsa no presente.

CAROLINA

RESERVA



Beba com moderação.



Encontro de Dom Odilo com o clero marca o início do ano pastoral na Arquidiocese

A BISPOS AUXILIARES, PADRES E DIÁCONOS, O CARDEAL SCHERER REFORÇOU AS PRIORIDADES DA AÇÃO EVANGELIZADORA NA IGREJA EM SÃO PAULO

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Na quinta-feira, 19, o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo, presidiu o tradicional encontro anual com o clero arquidiocesano, marcando o início do ano pastoral de 2026. Realizado no Colégio Santo Antônio de Lisboa, no Tatuapé, o momento reuniu os bispos auxiliares, padres e diáconos que vivem e atuam na Arquidiocese, em clima de fraternidade, comunhão e renovado compromisso missionário.

Na ocasião, foram acolhidos os dois novos bispos auxiliares da Arquidiocese, Dom Márcio Antônio Vidal de Negreiros, OSA, e Dom Celso Alexandre, recentemente ordenados e empossados nos ofícios. O Arcebispo manifestou gratidão ao Papa Leão XIV pela nomeação dos novos bispos, destacando que Dom Márcio Antônio foi designado para a Região Episcopal Santana e Dom Celso Alexandre para a Região Episcopal Ipiranga. Também foram acolhidos os clérigos que assumiram novos encargos pastorais desde março de 2025. Dom Odilo recordou, ainda, os sacerdotes e diáconos idosos e enfermos, bem como aqueles que faleceram no último ano, confiando-os à misericórdia de Deus.

ESPERANÇA E MEMÓRIA ECLESIAL

Em sua reflexão, o Cardeal ressaltou que o início do ano pastoral convida todos a renovarem a consciência de serem “trabalhadores na vinha do Senhor”, chamados a servir com dedicação e espírito de fé. “Trabalhar para a Igreja é ter a consciência de que não somos os donos da messe, mas seus servidores”, afirmou, lembrando que a obra é, antes de tudo, de Deus, e que cabe aos ministros agirem em sintonia com o Espírito Santo, “principal



Luciney Martins/O SÃO PAULO

animador e garantidor da vida da Igreja”. Ao recordar a conclusão do Ano Jubilar ordinário, Dom Odilo sublinhou a centralidade da esperança cristã, tema do Jubileu. “Somos sempre peregrinos de esperança, de uma esperança que não desilude”, afirmou. O Cardeal agradeceu aos que promoveram iniciativas jubila- res nas comunidades e incentivou que a vivência dessa esperança continue a marcar a ação pastoral.

O Arcebispo também destacou a celebração do Ano Jubilar Franciscano, pelos 800 anos do “trânsito” de São Francisco de Assis, convidando o clero e as comunidades a valorizarem a espiritualidade franciscana e a participarem das iniciativas propostas, inclusive as peregrinações com indulgência plenária, segundo as condições estabelecidas pela Igreja.

Outro ponto recordado foi o 280º aniversário da criação da Diocese de São Paulo, ocasião propícia para agradecer a Deus pela história da Igreja local e reforçar a consciência de pertença à Igreja particular, “porção do povo de Deus confiada a um Bispo com seu presbitério”.

PRIORIDADES PASTORAIS

No contexto da Quaresma, definida como “tempo de graça e salvação”, o Cardeal exortou à intensificação do jejum, da esmola e da oração, bem como à dedicação generosa ao sacramento da Reconciliação. Incentivou, ainda, a realização da Campanha da Fraternidade, que

neste ano tem como tema “Fraternidade e Moradia” e lema “Ele veio morar entre nós” (Jo 1,14), destacando que a falta de moradia digna interpela a consciência cristã e exige atenção pastoral.

Dom Odilo reafirmou a continuidade do Projeto Emergencial de Pastoral, inspirado no 1º sínodo arquidiocesano (2017-2023), e informou que ao longo deste ano será preparado um novo Plano de Pastoral, em sintonia com as indicações do sínodo arquidiocesano, do Sínodo universal sobre a sinodalidade e das novas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.

Ao abordar a missão da Igreja, sintetizou-a em três dimensões inseparáveis: anúncio do Evangelho, santificação e testemunho da caridade. Recordou que essas dimensões estruturam a organização pastoral da Arquidiocese em três comissões — Anúncio, Santificação e Testemunho da Caridade — como expressão concreta da “conversão pastoral” desejada pela Igreja.

RECOMENDAÇÕES

Entre as recomendações ao clero, o Arcebispo destacou a necessidade de promover maior participação dos fiéis, especialmente na missa dominical; cuidar da qualidade da pregação e da formação cristã; valorizar os sacramentos; zelar pela liturgia, evitando exageros e personalismos. Ele sublinhou que a “liturgia não é ‘show da fé’, mas ação sagrada”. Também

recomendou o incentivo da prática organizada da caridade, o fortalecimento da pastoral vocacional e o investimento na evangelização da juventude.

O Cardeal mencionou, ainda, o consistório realizado em janeiro, no qual o Santo Padre ouviu os cardeais sobre temas prioritários, com destaque para a evangelização e a sinodalidade. Dom Odilo recordou que “o anúncio do Evangelho é a primeira e mais importante ação da Igreja” e sublinhou que a sinodalidade — comunhão, participação e missão — é exigência da própria natureza eclesial.

Dom Odilo também informou que o *Diretório Arquidiocesano da Catequese* encontra-se em fase final de elaboração e será instrumento importante para a unidade e a qualidade da formação na Arquidiocese. No campo administrativo, abordou a necessidade de assegurar a sustentabilidade do Fundo de Auxílio Fraterno Presbiteral (FAFPRES), destinado à digna sustentação dos padres idosos e enfermos, e reforçou a importância da observância das normas administrativas e pastorais.

SERVIÇO EM COMUNHÃO

No final do encontro, Dom Odilo tratou dos questionamentos sobre sua possível sucessão. Recordou que, ao completar 75 anos, em setembro de 2024, apresentou ao Papa Francisco sua carta de renúncia, conforme determina o Direito Canônico. Em outubro daquele ano, foi informado de que o Santo Padre acolhera a carta, dispondo que permanecesse por mais dois anos à frente da Arquidiocese. O Cardeal reiterou que uma eventual decisão sobre a aceitação definitiva da renúncia e a nomeação de um novo Arcebispo compete exclusivamente ao Papa Leão XIV. “Estou para servir à Igreja e, enquanto ela não decidir diversamente, continuarei trabalhando normalmente”, afirmou, encorajando o clero a prosseguir com entusiasmo apostólico.

Concluindo, o Arcebispo desejou a todos um abençoado ano pastoral, exortando os ministros ordenados a caminharem em comunhão, com alegria e generosidade no serviço ao povo de Deus na Arquidiocese de São Paulo.

SOLUÇÕES ECLESIAIS ORGSYSTEM

Chancelaria de Bispo

Tribunal Eclesiástico

Gestão Paroquial

Orgsmart
Captura automática de Notas Fiscais

Orgdom
App de interação entre (Arqui)Diocese e Paroquianos

Folha de pagamento

Gestão Financeira

Gestão Contábil

Acesse nosso site e conheça nossos produtos!

"Orgsystem, inovando sempre para melhor atendê-lo"

www.orgsystem.com.br

comercial@orgsystem.com.br

Facebook.com/orgsystem/

Instagram.com/orgsystem/

Escritório/Franca

Rua Minas Gerais 2041
Vila Aparecida - Franca-SP
14401-229

55+16 2105-6866

55+16 99266-8885

Escritório/São Paulo

Av. Paulista 1765 7º Andar
Bela Vista, São Paulo-SP
01311-930

55+11 2450-7344

55+16 99266-8613

Orgsystem
Software

Editorial

Lutar por moradia digna também é uma questão de fé

Expressão de comunhão, conversão e partilha, a Campanha da Fraternidade (CF) tem como objetivos permanentes despertar o espírito comunitário e cristão no povo de Deus, especialmente para a busca do bem comum; educar para a vida em fraternidade, a partir da justiça e do amor; e renovar a consciência à responsabilidade de todos pela ação da Igreja na evangelização, na promoção humana, em vista de uma sociedade justa e solidária.

A temática escolhida para este ano – “Fraternidade e Moradia” – trata de um direito humano fundamental, mas ainda não amplamente assegurado no Brasil; afinal “6 milhões de famílias necessitam hoje de uma moradia, por estarem em habitação precária, em coabitação ou com aluguel excessivamente caro, o que representa 8,3% dos domicílios existentes no País. Somam-se a elas outras 26 milhões de famílias que moram em situação inadequada (em áreas de risco, sem infraestrutura ou com infraestrutura

insuficiente, segregação social, longe de equipamentos públicos e sem as políticas públicas básicas, com forte influência do crime organizado, entre outros). Além disso, existem mais de 300 mil pessoas vivendo na rua – número que cresceu expressivamente nos últimos dez anos” (Texto-base da CF 2026,30).

Por meio do método Ver, Julgar e Agir, a Igreja no Brasil, na CF 2026, aponta um caminho de fé e compromisso perante os problemas habitacionais, sem assumir partidarismos, como destacado pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo, na coletiva de imprensa do lançamento da Campanha: “A Igreja não propõe a questão a partir de um olhar partidário, mas a partir da realidade que existe, do sofrimento das pessoas, da necessidade de maior fraternidade para ter maior coerência na vida social, maior justiça na convivência”.

O tema deste ano, portanto, não está a serviço de um espectro político-partidário, nem se espera que seja “capturado” por algum deles, pois isto seria um

desvio à natureza da CF: ser uma campanha de evangelização, fato que ajuda a entender a temática tratada desta vez: “Lutar por moradia digna, por exemplo, é lutar para que todas as pessoas possam viver com dignidade. Isso faz parte da missão da Igreja. Não é apenas uma questão social e política, mas é também, mais radicalmente, uma questão de fé. É uma dimensão fundamental da missão evangelizadora da Igreja. Diz respeito aos direitos humanos, à promoção da família, à função social da propriedade e à dimensão política da fé” (Texto-base,153).

O lema “Ele veio morar entre nós” (Jo 1,14) reforça a fundamentação bíblica da Campanha. Ele expressa “a Encarnação, quando o Filho de Deus assume a condição humana e vem morar entre nós, ser o ‘Emanuel’, Deus conosco (cf. Mt 1,23; 28,20). Nestes versículos, desemboca toda a Tradição do Antigo Testamento (AT) sobre a presença de Deus, que toma a iniciativa de fazer morada no meio do povo, mediante o Filho, ao tor-

nar-se humano, ao vir se comunicar e estabelecer uma Aliança com a humanidade” (Texto-base,119).

Cumprir lembrar que a realização da CF neste período não deve se sobrepor à autêntica vivência da Quaresma, tempo de graça, de penitência e de abertura à infinita misericórdia de Deus, que por amor enviou, para a salvação da humanidade, o seu próprio Filho, Jesus Cristo, nascido em meio aos que não tinham casa e que em toda a sua vida pública “estará junto daqueles que foram abandonados às margens do caminho em virtude de suas diferenças – pobreza, deficiência, doenças, exclusão – e sua vida será dedicada a integrá-los, não à mesma sociedade excludente, mas a uma sociedade renovada por sua Palavra e compaixão” (Texto-base 125). Que ao final desta Quaresma, Cristo verdadeiramente encontre morada em nosso coração, e os que habitam em precárias condições ou que não têm lar possam ver planejados caminhos para assegurar-lhes moradia digna.

Opinião

Será que é possível educarmos para a paz?

SOFIA LEAL MAGALHÃES

“Vivemos em um ambiente educacional complexo, fragmentado e digitalizado.” Essa frase revela o cuidado do Papa Leão XIV com as necessidades atuais da Educação. Ela foi citada na carta apostólica *Deseñar novos mapas de esperanza*, publicada em outubro passado por ocasião do 60º aniversário do documento conciliar *Gravissimum educationis*. Por meio desta carta, a Igreja e os educadores recebem o convite para (re)imaginar a missão educativa no mundo atual. O Pontífice enfatiza que a Educação é essencial à evangelização e deve responder com criatividade às crises como desigualdade, guerras, tecnologia e perda de sentido.

E por falar em guerra, será que é possível educar para acabar com a guerra? Guerra civil, guerra entre professores e estudantes, guerra entre colegas de trabalho, guerra entre marido e mulher, e tantas outras. Ao consultar o dicionário *Michaelis*, temos a seguinte definição para o termo guerra: “Qualquer luta ou combate com ou sem armas; combate, conflito, disputa”. Assim, fica evidente que desde a sua origem germânica ‘*werra*’, a discordância é a grande raiz desse mal.

E se houvesse uma possibilidade de a escola ensinar paz e não fomentar a guerra? E se educar fosse um trabalho de amor que se passa de geração em geração? A educação católica vem ao encontro dessas premissas. No documento, o Papa destaca



e prioriza a necessidade de “ensinar línguas não violentas, reconciliação, construir pontes e não muros”. Como podemos corresponder a essa solicitação para atender a uma das prioridades elencadas por Leão XIV que consiste em atingirmos “a paz desarmada e desarmante” para nos transformarmos em bem-aventurados pacificadores?

Parte dessa resposta pode estar na Comunicação Não Violenta (CNV), criada por Marshall Rosenberg, que elaborou uma abordagem para melhorar as relações humanas por meio da empatia, da expres-

são clara de sentimentos e necessidades e do diálogo respeitoso. Para desenvolver essa comunicação, faz-se necessário compreender que ela está alicerçada em quatro pilares fundamentais, a saber: *observação sem julgamento*, que consiste em descrever fatos de forma neutra, sem críticas ou rótulos; *sentimento*, isto é, explicar como você se sente em relação ao fato; *necessidade*, que significa reconhecer as necessidades humanas por trás dos sentimentos; e *pedido claro*, que equivale a pedir ações concretas, possíveis, sem exigências nem ameaças.

A CNV como ferramenta vai além da

empatia, ela mobiliza a compaixão, resultando em uma espécie de *empatia em ação*. Trata-se de um recurso que reduz conflitos, mal-entendidos e violências verbais; cria um clima seguro, favorecendo pertencimento, respeito e colaboração; melhora a convivência entre estudantes, professores e famílias; promove, além da empatia, a escuta ativa e relações mais humanas; e ainda apoia práticas inclusivas.

Acentuamos que não somente as escolas precisam abraçar esse compromisso de ‘ensinar línguas não violentas, reconciliação, construir pontes e não muros’, já que os educadores, como destaca Leão XIV, são chamados a uma responsabilidade que vai além do contrato de trabalho: seu testemunho tem o mesmo valor que suas aulas. E todos nós – pais, mães, filhos e toda a família – devemos nos unir para materializar a educação cristã, que é um esforço coletivo: ninguém educa sozinho.

A todos que trabalham na Educação, fica o convite do Papa, para que “inaugurem uma temporada que fale ao coração das novas gerações, reconstituindo conhecimento e significado, competência e responsabilidade, fé e vida”. E a todos nós fica a missão de educarmos para a paz e não para a guerra, acolhendo o mandato Daquela que ao ressuscitar pronunciou estas palavras: “A paz esteja convosco!” (Jo 20,19).

Sofia Leal Magalhães, integrante do Projeto Veritatis Mater, é bióloga e estudante de Jornalismo. Formadora da Escola de Formação e Aperfeiçoamento dos Profissionais da Educação da Rede Estadual de São Paulo (Efape)

Comportamento

Tempo quaresmal: a coragem de recomeçar

ALECSANDRO A. DE SOUZA

Há palavras que envelhecem mal na opinião pública. *Quaresma* é uma delas. Evoca restrição, culpa, uma pedagogia severa que parece deslocada em um mundo educado para a satisfação imediata. No entanto, talvez nenhuma palavra seja hoje mais atual – precisamente porque quase ninguém suporta a própria dispersão.

A Quaresma não é nostalgia religiosa. É método. Durante 40 dias, a Igreja propõe ao homem algo profundamente contracultural: *interromper o automatismo, suspender a voragem, examinar a própria vida com rigor*. Não para humilhar-se, mas para reencontrar eixo.

Recomeçar não é fraqueza; é lucidez. Só recomeça quem reconhece que se desviou. E a experiência moderna, com todo o seu brilho técnico, multiplicou as ocasiões de desvio: *excesso de estímulos, opinião permanente, consumo transformado em identidade*. A liberdade, confundida com disponibilidade ilimitada de desejos, tornou-se uma forma

sofisticada de cansaço.

A esse cansaço, a tradição cristã responde com três gestos concretos: *oração, jejum e esmola*.

A *oração é o escândalo do silêncio*, ela ensina a escutar. Rezar não é recitar fórmulas; é admitir que não somos o centro do universo e reconhecer que existe uma verdade anterior aos nossos impulsos e preferências. Bastam 15 minutos diários – sem telefone, sem notificações, sem música – para que essa experiência se imponha. Mesmo para quem não professa a fé, essa disciplina do silêncio é resistência contra a tirania do ruído.

O *jejum, por sua vez, é pedagogia da liberdade*. Renunciar voluntariamente a algo legítimo – alimento, tecnologia, palavras precipitadas – é recordar que o desejo não é soberano. Quem não sabe dizer “não” a si mesmo termina escravo de impulsos que prometem prazer e entregam dispersão. O caminho começa por um limite verificável: reduzir o uso das redes sociais, suspender o álcool durante a semana, calar antes de reagir. O jejum não empobrece, hierarquiza.

A *esmola completa a arquitetura*. Não basta ordenar a interioridade; é preciso deslocar-se. Dar – tempo, atenção, recursos – rompe o círculo estreito do próprio interesse. A caridade não é sentimentalismo; é decisão de reconhecer no outro uma dignidade igual à própria. *Quase sempre começa por gestos simples e exigentes: visitar alguém esquecido, comprometer-se com uma obra social, destinar parte real do orçamento a quem precisa*. Sem essa saída de si, a vida espiritual degenera em narcisismo moral.

Na mensagem para a Quaresma de 2026, o Papa Leão XIV não ofereceu conselhos piedosos; propôs dois verbos exigentes: *escutar e jejuar*. Escutar não como etiqueta civilizada, mas como disposição real de deixar-se corrigir. Jejuar não como cálculo alimentar, mas como recusa da palavra precipitada, da reação automática e da agressividade verbal que deteriora a vida comum. A verdadeira abstinência, sugeriu ele, começa na língua: abdicar das frases que atingem, aprender a medir o discurso, aceitar que a conversão passa pelo modo como falamos – e, sobretudo,

pelo modo como ferimos.

Tudo converge para a Páscoa – essa afirmação escandalosa de que a vida pode vencer a morte. A fé cristã sustenta que nenhum fracasso é definitivo e nenhuma queda é irreversível.

Em um tempo que celebra a performance e teme o exame de consciência, a Quaresma reaparece como coragem de recomeçar. Não se trata de privação, mas de clareza; não de culpa, mas de responsabilidade.

A pergunta decisiva não separa o religioso do humano; obriga-os a coincidir: estamos vivendo segundo a verdade? Para o Cristianismo, essa verdade não é conceito nem opinião – é uma Pessoa. “Eu sou o caminho, a verdade e a vida”: a afirmação não admite reduções. Quando o homem evita essa pergunta, dispersa-se; quando a enfrenta, converte-se. Se ela nos inquieta, então a Quaresma já começou – não como tradição cultural, mas como decisão de alinhar a própria vida com a verdade que a sustenta.

Alecsandro A. de Souza é administrador de empresas

Espiritualidade

Quaresma: jejum, esmola e oração



DOM CARLOS LEMA GARCIA
BISPO AUXILIAR
DE SÃO PAULO E
VIGÁRIO EPISCOPAL
PARA A EDUCAÇÃO E
A UNIVERSIDADE

Depois do feriado de carnaval, com a cerimônia da Quarta-feira de Cinzas, entramos de cheio na Quaresma. Parece haver aqui uma enorme contradição entre dois mundos: o mundo da folia, da música, das fantasias, dos desfiles... e o mundo que, com enorme realismo, nos lembra de que somos pó. Aliás, uma das explicações do termo carnaval, segundo alguns, seria *carne-vale*: uma espécie de festa de despedida da carne, que, em outros tempos era totalmente suprimida durante os 40 dias da Quaresma. O sentido mais profundo da penitência, especialmente deste tempo de Quaresma, é abrandar a dureza do nosso coração. Reconhecer os próprios erros, admitir que muitas vezes fomos egoístas, andamos atrás das nossas coisas, fechamos o nosso coração aos outros. As práticas tradicionais da Quaresma são o jejum, a esmola e a oração. Assim, o jejum tem um significado religioso: deixar algum alimento para superar o egoísmo e viver a lógica da doação. Privar-nos de algumas coisas – não só do supérfluo, mas do necessário – e desviar o olhar do nosso “eu” para enxergar as pessoas ao nosso lado. A esmola tem por fina-

lidade vencer a idolatria, o desejo de possuir cada vez mais e colocar as coisas materiais no lugar de Deus. E a terceira característica deste tempo litúrgico é incrementar a oração: meditar a Paixão de Jesus, considerar a nossa vida na perspectiva da eternidade, do preço dos nossos pecados, do desejo de purificação e de crescimento na santidade.

Há pessoas que fazem jejum de carne às sextas-feiras da Quaresma; outros, jejum de chocolate, de refrigerante, de cerveja. Outros ainda, jejum de novela, jejum de curiosidade: por exemplo, só 30 minutos na internet. O jejum mais grato a Deus, porém, é o jejum de pecar: de criticar, de mentir, da preguiça, dos desejos e atos contra a castidade etc.

Um dos objetivos da Quaresma é melhorar também a nossa oração. Colocar-nos diante de Deus e pedir sua ajuda com confiança e insistência, porque só Jesus tem o poder de nos curar e a conversão é obra de Deus em nossas vidas. Não podemos perder estes momentos únicos, em que Deus passa muito perto de nós: por exemplo, quando participamos da Santa Missa, na Comunhão, ou estamos diante do sacrário. Às vezes, pode assaltar-nos a tentação de pensar: “Do que adianta rezar? Você pede e não consegue nada! Deus não lhe ouve, não está interessado em seus pedidos...” Às vezes, nós mesmos podemos sofrer esta tentação: “Minha oração cai no vazio... Deus não me escuta...” Mas nada disso é verdade. O que acontece é que nos falta fé e confiança no poder de Deus.

E a esmola? Evidentemente, devemos ajudar de maneira substancial as pessoas necessitadas e/ou as entidades que reali-

zam um serviço valioso a quem é realmente vulnerável. Assim, esmola significa levar algo aos outros: além de comida e roupa, consolo, atenção e afeto. Dar a esmola da atenção: ouvir com paciência a pessoa que nos interrompe para pedir algo, um conselho, uma ajuda... Dar a esmola do otimismo: não ser pessoas pessimistas. Dar a esmola da alegria: contar coisas divertidas para alegrar a vida de quem convive conosco. Dar a esmola da ajuda: não só o estritamente necessário, mas algo que possa exigir um sacrifício para nós: sacrificar umas horas de sono para ir até a farmácia à noite, levar alguém ao hospital ou dar uma carona que nos tira do nosso itinerário... sacrificar uma tarde de domingo para visitar o avô ou a avó. Dar a esmola da compreensão com os outros, para, na convivência com as pessoas, saber prescindir do interesse pessoal e contribuir para que haja um ambiente agradável à nossa volta. Enfim, as penitências mais interessantes são aquelas que nos ajudam a corrigir os nossos modos, a ser mais delicados ao dar nossa opinião, mais compreensivos e abertos aos outros. Não é penitente quem anda apenas atrás das suas coisas e aborrece os outros com suas manias. Podemos tirar outros propósitos bem concretos: preparar uma boa Confissão, com um exame de consciência sincero e profundo; meditar às sextas-feiras as estações da Via-Sacra; ler algum livro sobre a Paixão de Cristo. Enfim: este é o sentido mais profundo deste período de penitência e de oração mais intensas da Quaresma: preparar a nossa alma para reviver a Paixão de Cristo e, assim, poder ressuscitar com Ele na Páscoa.

Você Pergunta

Quando e por que se deixou de celebrar a missa em latim?

PADRE CIDO PEREIRA
osaopaulo@uol.com.br

A Fátima, de Taboão da Serra (SP), me escreve com a seguinte dúvida: “Antigamente as missas eram rezadas em latim. Gostaria de saber por que esse costume acabou”.

Antes de tudo, minha irmã, fique sabendo que o latim sempre foi a língua oficial da Igreja. Assim, até hoje a grande maioria dos documentos da Igreja são redigidos nesta língua.

Até a década de 1960, se usava o latim na liturgia. Com a reforma litúrgica do Concílio Ecumênico Vaticano II, no entanto, a liturgia passou a ser celebrada na língua de cada povo, ficando mais compreensível para todos, e a Eucaristia passou a ser mais participada também. Aliás, passou-se a falar mais em participação na missa, pois antes se dizia “Ouvir missa, assistir missa...”. Antes, era comum durante a missa que as pessoas rezassem o Terço ou manifestassem outras devoções para preencher o tempo, já que pouco entendiam o que estava acontecendo no altar e o padre celebrava de costas para o povo. Da reforma litúrgica em diante, o sacerdote passou a celebrar de frente para a assembleia de fiéis.

O Concílio Ecumênico Vaticano II foi um imenso e transformador sopro do Espírito Santo na vida da Igreja!

Quando a alegria e o afeto ‘contagiam’ os hospitais

EM DIFERENTES UNIDADES HOSPITALARES DO BRASIL, CÃES, PALHAÇOS E MUSICOTERAPEUTAS ATENUAM OS MEDOS E ANGÚSTIAS DE QUEM PASSA POR INTERNAÇÕES OU TRATAMENTOS PROLONGADOS

LARISSA FREITAS
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

O som de um violão ecoa suavemente pelo corredor da UTI. Em um outro quarto pediátrico, uma cachorrinha oferece a pata a uma menina que, até então, se recusava a receber medicação. Em outra ala, uma alta gargalhada quebra o silêncio. Cenas como essas, antes impensáveis, estão se tornando parte fundamental de uma nova abordagem de cuidado no Brasil: a humanização do tratamento hospitalar.

Com apoio de médicos e psicólogos, projetos que utilizam palhaçaria, musicoterapia e terapia assistida por animais ganham espaço ao reduzir a ansiedade dos pacientes, melhorar a adesão ao tratamento e promover o bem-estar. A humanização foca o indivíduo por trás da doença e mostra que o cuidado vai além dos medicamentos.

ABORDAGEM PSICOSSOCIAL

Valéria Batista, psicóloga hospitalar há 26 anos no Hospital da PUC-Campinas, assegura que o atendimento humanizado é essencial nos hospitais, pois aborda o paciente como um indivíduo com uma história biopsicossocial: “Não olhamos somente para a situação de um corpo doente; a doença afeta não só o corpo, mas também emoções, pensamentos e relações”.

A psicóloga destaca que o atendimento humanizado começa pela escuta empática, ajudando o paciente a se sentir seguro e iniciar seu processo de adaptação ao ambiente hospitalar.

No atendimento pediátrico, o brincar se torna ferramenta clínica. “Muitas vezes, as crianças não sabem ou não conseguem explicar seus sentimentos. O desenhar, o brincar, ouvir histórias e dar continuidade a essas narrativas permitem que ela mostre possíveis respostas como medo, tristeza, traumas e raiva de um jeito que já faz parte do seu universo, de uma forma mais natural”.

Essas práticas ajudam os pacientes a reduzir os temores acerca do ambiente hospitalar. “Pelo brincar, esses estímulos vão sendo dessensibilizados, e isso auxilia muito no repertório da criança para que ela possa enfrentar os procedimentos”, explica Valéria.



Lana Pinho /Doutores da Alegria



Fotos: Terapia Cão Carinho



Thais Moura/Doutores da Alegria



‘AQUI É LUGAR DE PALHAÇO?’ E DE CRIANÇA?

Há 34 anos no Brasil, os Doutores da Alegria hoje são reconhecidos como colaboradores para a humanização do atendimento hospitalar, mas nem sempre foi assim: “Quando o trabalho começou, em 1991, o palhaço não era bem visto. Muitas vezes, a gente escutava: ‘O hospital não é lugar de palhaço’”, recorda David Taiyu, diretor artístico do grupo.

Foi preciso, então, inverter esta lógica: “No nosso pensamento, o hospital também não é lugar de criança. Lugar de criança é na escola, na rua, brincando no jardim, em casa com os amigos. E se a criança está dentro do hospital, então a gente também está ali com a tarefa de lembrá-la de que ela é criança e que precisa existir neste universo”, afirma David. “A arte não atrapalha o cuidado. Ela potencializa o cuidado, o olhar, e a escuta”, enfatiza.

David menciona os impactos verificados pela ação dos Doutores da Alegria: “Uma criança não falava e passou a se comunicar por meio de um jogo. Um pai chorou depois de rir, dizendo que havia semanas que não se permitia acessar essa emoção. Uma mãe disse: ‘Hoje meu filho foi criança de novo’”.

E quando a criança deixa o hospital? Nessa hora, o palhaço também chora. “A gente acompanhou uma criança durante um ano inteiro, e no dia em que toda a família dela estava reunida para se despedir, chamou os palhaços para se despedir deles também”.

‘TERAPIA DE FOCINHO’ E CARINHO

Nessa mesma linha de cuidado afetivo, o Terapia Cão Carinho, de São Paulo, utiliza o “amor incondicional dos cães” para quebrar o isolamento provocado pela internação. Segundo Rita de Cacia Gonçalves da Silva, representante da ação, a iniciativa nasceu da “união de pessoas dedicadas a transformar o bem-estar social por meio do amor incondicional dos cães”.

Andrea Zgouridi, colaboradora do

projeto, relata um episódio marcante: “Em um hospital, uma menina não permitia que a enfermeira acessasse a veia para administrar a medicação. Uma das nossas voluntárias disse que também tinha medo, mas que a Nala, uma das nossas cachorrinhas, lhe daria coragem. A menina segurou a pata da Nala e estendeu o outro braço para a enfermeira, confiante”.

Priscila Lotufo, zootecnista e especialista em comportamento animal, explica que todos os cães que participam do projeto são sociáveis, mesmo com pessoas desconhecidas: “Devem ser tolerantes a diferentes tipos de contato físico, pacientes e acostumados a diversos ambientes. Também precisam saber alguns comandos básicos e ser sociáveis com outros cães”.

Mara Bernardes, também colaboradora da ação, descreve a transformação que as visitas proporcionam no ambiente hospitalar: “Muitas vezes, chegamos e encontramos as pessoas quietas, preocupadas ou até desanimadas, mas quando os cães entram, tudo muda. Os sorrisos aparecem, as conversas aumentam, os olhos brilham e até a equipe do hospital entra no clima”.

Ainda segundo Mara, é muito comum ver pacientes que estavam mais quietos começarem a interagir, contar histórias e fazer carinho nos cães. “Parecem até esquecer, nem que seja por alguns minutos, que estão ali por causa de um tratamento. Depois que a visita termina, parece que a ala ganha ‘um respiro’, uma sensação de acolhimento e alegria. Não é só o paciente que se beneficia. Familiares e profissionais também acabam sendo ‘contagiados’ por esse momento tão simples, mas tão especial”.

O SUPORTE AO TRATAMENTO HUMANIZADO

No Hospital da PUC-Campinas, o voluntariado é coordenado pela área de Comunicação e Marketing. Todos passam por capacitações e orientações da Comissão de Controle de Infecção

Hospitalar. Atualmente há de 200 a 250 voluntários, entre palhaços, músicos, corais, agentes da Pastoral da Saúde, além dos cães terapêuticos.

“As famílias e acompanhantes também são favorecidos com as práticas humanizadas. O ambiente hospitalar torna-se mais acolhedor, diminuindo tensões. Quando observam o paciente sorrindo e interagindo, a angústia da família também diminui, e a confiança na equipe aumenta”, comenta Crislaine Gava, assessora de imprensa e responsável pela comunicação do hospital.

E POR QUE FAZ TÃO BEM?

A melhora percebida pelos pacientes tem explicação bioquímica. Valéria afirma que “o abraço e o riso podem reduzir hormônios relacionados ao estresse, como o cortisol, e aumentar hormônios ligados ao bem-estar, como a ocitocina”.

Pesquisas sobre terapias assistidas por animais também apontam benefícios como melhora dos sinais vitais, autoestima e redução do tempo de internação. Segundo Valéria, o atendimento humanizado também previne traumas psicológicos, especialmente em crianças e idosos.

Para Alexandre Simões, um dos voluntários do Terapia Cão Carinho, “a maior mensagem sobre o papel dos animais no atendimento humanizado e na recuperação emocional dos pacientes é a de que o amor puro, incondicional e verdadeiro deles é uma mensagem de Deus”.

CONHEÇA E APOIE AS INICIATIVAS

Instagram - Doutores da Alegria
@doutoresdaalegriaoficial

Instagram - Terapia Cão Carinho
@terapiacaocarinho

E-mail para se voluntariar no Hospital da PUC-Campinas:
ai@hospitaldapuc-campinas.com.br.

Arquidiocese rende graças a Deus pelos 50 anos de sacerdócio do Cônego Helmo Faccioli

FERNANDO GERONAZZO
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

A Catedral da Sé acolheu, na segunda-feira, 23, a celebração pelos 50 anos de ordenação sacerdotal do Cônego Helmo Cesar Faccioli, Auxiliar do Cura da Catedral. A missa em ação de graças foi concelebrada pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo de São Paulo, e pelos bispos auxiliares Dom Edilson de Souza Silva e Dom Celso Alexandre, reunindo ainda membros do Cabido Metropolitano, sacerdotes do clero arquidiocesano, religiosos e fiéis.

No início da celebração, o Cardeal Scherer recordou que “são 50 anos dedicados a Deus, à Igreja, ao serviço do Evangelho”, motivo pelo qual a Igreja particular de São Paulo se reúne para agradecer. O Arcebispo destacou a convivência com o jubilando desde os anos de formação teológica, em Curitiba (PR), ressaltando a admiração que nutria por ele “como jovem maduro, ponderado, calmo e objetivo”. Recordou também que, já no período do seminário, Cônego Helmo exercia com zelo o serviço de cerimoniário, característica que permanece em seu ministério atual. Ao final da saudação, Dom Odilo convidou Cônego Helmo a presidir a Eucaristia, invocando de modo especial o dom da saúde para a continuidade de sua missão.

TESTEMUNHO

A homilia foi proferida pelo Cônego José Bizon, que contextualizou a celebração no tempo quaresmal, sublinhando o chamado evangélico à conversão. Dirigindo-se ao Cônego Helmo, destacou aspectos marcantes da trajetória do



Na Catedral Metropolitana, Cônego Helmo Faccioli é saudado por Dom Odilo e recebe o carinho dos sacerdotes do Cabido Metropolitano de São Paulo

jubilando: a vocação cultivada desde a infância, o ingresso ainda jovem no seminário claretiano e a perseverança ao longo de cinco décadas de ministério exercido “com esmero, fé, dedicação e sem medir esforços”.

Cônego Bizon ressaltou, ainda, o testemunho de otimismo e constância do jubilando, mesmo diante das fragilidades da saúde. “Nunca esmoreceu, sempre animado, sempre firme, sempre com uma palavra, sempre esperançoso”, afirmou. Também evidenciou seu zelo pela liturgia, especialmente na Catedral, na qual prepara e orienta as celebrações com atenção aos detalhes, tornando-se referência para os sacerdotes mais jovens. Ao agradecer pelos 50 anos de vida doada, assegurou-lhe a proximidade do clero e do Cabido Metropolitano.

TRAJETÓRIA

Nascido em Franca (SP), em 19 de novembro de 1948, filho de Her-

menegildo e Alda Mariano Faccioli, Cônego Helmo ingressou aos 16 anos no seminário da Congregação dos Padres Claretianos, sendo ordenado presbítero em 22 de fevereiro de 1976. Na vida religiosa, atuou como formador e, por 18 anos, foi Pároco da Paróquia Imaculado Coração de Maria, na Consolação, Região Sé. Em 2013, foi incardinado na Arquidiocese de São Paulo.

Há mais de três décadas, exerce a missão de orientador religioso do Colégio Santa Marcelina, em Perdizes, e é capelão da Congregação das Irmãs de Santa Zita, em Higienópolis. Em 3 de dezembro de 2023, foi investido cônego do Colendo Cabido Metropolitano de São Paulo. Além de Auxiliar do Cura da Catedral da Sé, é Assessor Eclesiástico da Comissão Arquidiocesana de Liturgia e cerimoniário da Arquidiocese, serviço amplamente reconhecido pelo cuidado e dedicação.

GRATIDÃO

Um dos gestos significativos da celebração foi o fato de o Cônego Helmo ter presidido a missa vestindo a mesma túnica litúrgica confeccionada por sua mãe para a ordenação sacerdotal, há meio século. O gesto, carregado de memória e gratidão, expressou a continuidade de uma vocação amadurecida no seio familiar e confirmada no serviço à Igreja.

Ao final, visivelmente emocionado com a presença de tantos sacerdotes – alguns vindos de longe –, o jubilando manifestou sua gratidão. “Isso me tocou muitíssimo”, afirmou, agradecendo aos padres, ao pregador e a todos os presentes. Recordou, com afeto, um cântico mariano que marcou momentos decisivos de sua vida religiosa e reiterou o propósito assumido no dia da ordenação, inspirado no Salmo 99: “Quero servir ao Senhor com alegria todos os dias da vida” e concluiu: “Renovo o meu serviço”.

(Colaborou: Fernando Arthur)

Livraria Loyola
sempre um bom livro para você .com.br

Loja Senador

R. Senador Feijó, 120 - Centro
São Paulo, SP - CEP 01006-000
WhatsApp (11) 97206-5764
lojasenador03@livrarialoyola.com.br

Loja Quintino

R. Quintino Bocaiúva, 234 - Centro
São Paulo, SP - CEP 01004-010
WhatsApp (11) 95395-8927
lojaquintino05@livrarialoyola.com.br

Loja Santos

R. Padre Visconti, 08 - Embaré
Santos, SP - CEP 110040-150
WhatsApp (11) 97206-5764
lojasantos04@livrarialoyola.com.br

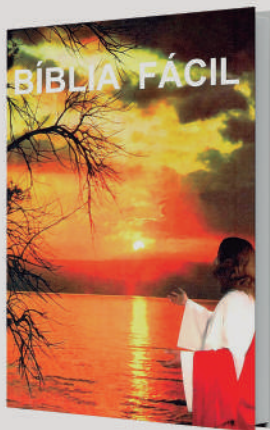
Loja Campinas

R. Barão de Jaguara, 1389 - Centro
Campinas, SP - CEP 13015-002
WhatsApp (19) 3236-3567
lojacampinas03@livrarialoyola.com.br

A LIVRARIA MAIS COMPLETA DO BRASIL EM
LIVROS E ARTIGOS CATÓLICOS



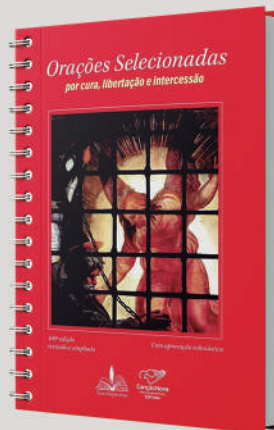
MINHA PRIMEIRA BÍBLIA
De: R\$ 84,90
POR: R\$ 67,90



BÍBLIA FÁCIL
De: R\$ 59,00
POR: R\$ 50,15



RETIRO QUARESMA 2026
De: R\$ 24,00
POR: R\$ 21,60



ORAÇÕES SELECIONADAS
De: R\$ 26,90
POR: R\$ 21,50

Mais de um milhão
de cópias vendidas

Para pedidos ligue: (11) 3105-7198 / 98459-5171 ou acesse: www.livrarialoyola.com.br





Use o QRCode para acessar o Caderno Cultural na internet, com mais artigos e links citados.

Educação Católica: Uma história do Espírito em ação

Arte: Sergio Ricciuti Conte



Marcos Gregório
Borges*

“A história da educação católica é a história da ação do Espírito Santo”, diz Leão XIV, na carta apostólica *Desenhar novos mapas de esperança* (DNME 2.1). O Papa destaca que “os carismas educativos são respostas originais às necessidades de cada época” (DNME 2.1). O Espírito, que é sempre novo e sopra onde quer, suscita iniciativas bastante diversas, em vista da necessidade de um determinado tempo e lugar, sempre à luz do mesmo fundamento que recebemos da fé: a promoção da dignidade da Pessoa, que é “imagem de Deus, capaz de verdade e de relação”.

A carta traz algumas referências que ilustram essa diversidade, como a atuação dos padres do deserto no início da cristandade, que ensinaram a reconhecer Deus em toda parte, o trabalho imprescindível dos mosteiros, que, ao preservarem obras clássicas, realizaram um enorme serviço à cultura universal, até os muitos missionários que dedicaram sua vida à educação, especialmente dos mais pobres, dos quais gostaria de destacar alguns exemplos.

São José de Calazans, um nobre espanhol que viveu no século XVII, ao andar pelas ruas de Roma e se deparar com a situação de crianças e jovens abandonados, compreendeu que sua missão era ajudá-los

*Leão XIV, em outubro de 2025, publicou a carta apostólica **Desenhar novos mapas de esperança**, por ocasião do aniversário de 60 anos da declaração conciliar **Gravissimum educationis**. A educação sempre foi importantíssima para o Cristianismo. Luigi Giussani, padre fundador de um movimento, que sempre trabalhou como professor, dizia: “Deixe-nos nus, mas não nos tirem a liberdade de educar”! Para a Igreja, a educação é muito mais do que capacitação profissional ou formação moral. É abertura à realidade, caminho de liberdade, possibilidade de encontro com Aquele pelo qual nosso coração espera. Por isso, esta edição do Caderno Fé e Cultura é dedicada a reflexões sobre esta carta de Leão XIV.*

por meio de uma educação que não se limitasse ao ensino religioso. E assim, abriu a primeira escola gratuita da Europa para jovens das classes sociais mais pobres.

No século XIX, São João Bosco desenvolveu uma filosofia educacional conhecida como “método preventivo”, baseada em “razão, religião e amor”, uma alternativa às metodologias punitivas da época. Por meio da razão, o aluno aprende a ter discernimento e assumir responsabilidades; por meio da religião, conhece a fé cristã e os valores do Evangelho; por meio do amor, cria-se um ambiente de confiança e cooperação que facilita o processo de aprendizado e desenvolvimento pessoal. Trata-se de um método que forma “bons cristãos

e honestos cidadãos”.

O Papa menciona ainda a dedicação de diversas mulheres, como Santa Francisca Xavier Cabrini (Madre Cabrini), com seu trabalho incansável junto aos migrantes, e Santa Elizabeth Ann Seton, que fundou as primeiras escolas católicas nos Estados Unidos.

Entre elas, gostaria de destacar o trabalho de Santa Catarina Drexel, uma norte-americana que viveu no século XIX, e que após ser convidada à vida missionária pelo próprio Papa Leão XIII, resolveu dedicar sua vida aos povos indígenas e afro-americanos. Filha de um famoso banqueiro, Catarina utilizou sua herança para abrir inúmeras escolas e centros missionários para índios e negros em pelo menos

13 estados norte-americanos em uma época de grande segregação racial no país. Seu trabalho gerou inclusive perseguições, a ponto de uma de suas escolas ser incendiada, na Pensilvânia.

Estes exemplos nos ensinam que, diante dos desafios atuais em relação à Educação e da tentação de se buscar soluções rápidas, é mais importante abordar os problemas com habilidade do que dar uma resposta precipitada sobre por que algo aconteceu ou como superá-lo. O objetivo é aprender a lidar com os problemas, que são sempre diferentes, porque cada geração é nova – com novos desafios, sonhos e perguntas” (DNME 4.3).

Talvez esta seja a grande lição que aprendemos com o exemplo de tantos homens e mulheres de fé que ao longo da História dedicaram sua vida à Educação: a capacidade de conciliar a abertura à ação da Graça com uma adequada leitura da realidade que permita, ao mesmo tempo, discernir a vontade de Deus para cada tempo e lugar e realizar obras que realmente promovam o Bem para aqueles que mais precisam.

Que o Espírito Santo possa inspirar novos carismas educativos que atendam às necessidades deste tempo à luz da Fé de sempre!

Agradecemos ao Projeto Veritatis Mater pela coordenação e execução desta edição do Caderno Fé e Cultura

* Filósofo e estudioso da obra de Jacques Maritain, é servidor público federal, atua com Gestão de Projetos na área de Cidadania Fiscal. Mestre em Gestão de Políticas Públicas pela USP e colaborador do Instituto Jacques Maritain. Integrante do Projeto Veritatis Mater

A educação e o diálogo do coração

Na passagens a seguir, de *Desenhar novos mapas de esperança*, Leão XIV nos apresenta o valor cristão da educação, mostrando-a não como uma simples exposição de conteúdos e valores formativos, mas como um espaço em que ‘o coração dialoga com o coração’.

Com a declaração conciliar *Gravissimum educationis*, o *Concílio Vaticano II* lembrou à Igreja que a educação não é uma atividade acessória, mas forma o próprio tecido da evangelização: é o modo concreto pelo qual o Evangelho se torna um gesto educativo, uma relação, uma cultura. Hoje, diante das rápidas mudanças e das incertezas desorientadoras, esse legado demonstra uma resiliência surpreendente. Onde as comunidades educativas se deixam guiar pela palavra de Cristo, elas não recuam, mas se revitalizam; não constroem muros, mas pontes [...] porque o Evangelho não envelhece, mas faz “todas as coisas novas” (Ap 21,5) [...]

Vivemos em um ambiente educativo complexo, fragmentado e digitalizado. Precisamente por isso, é sábio fazer uma pausa e voltar o nosso olhar para a “cosmologia da *paideia** cristã”: uma visão que, ao longo dos séculos, soube renovar-se e inspi-

* Sistema de educação e formação integral, na Grécia Antiga, que buscava desenvolver o homem em suas esferas física, intelectual, moral e artística, visando a criar um cidadão completo

rar positivamente todos os aspectos multifacetados da educação. Desde as suas origens, o Evangelho gerou “constelações educativas”: experiências humildes e poderosas, capazes de interpretar os tempos, de preservar a unidade entre fé e razão, entre pensamento e vida, entre saber e justiça. Em tempos de tempestade, foram uma tábua de salvação; em tempos de calmaria, uma vela desfraldada [...]

A Igreja é “mãe e mestra” não por supremacia, mas por serviço: acompanha o crescimento da liberdade, assumindo a missão do Divino Mestre para

que todos “tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10) [...] A educação cristã é um esforço coletivo: ninguém educa sozinho. A comunidade educativa é um “nós”, em que professores, alunos, famílias, pessoal administrativo e de apoio, pastores e sociedade civil convergem para gerar vida [...] O fundamento permanece o mesmo: a pessoa, imagem de Deus (Gn 1,26), capaz de verdade e de relacionamento. Portanto, a questão da relação entre fé e razão não é um capítulo opcional: “A Verdade Religiosa não é apenas uma parte, mas uma condição do conhe-

cimento geral”. Estas palavras de São João Henrique Newman [...] são um convite a renovar o nosso compromisso com um conhecimento que seja tão intelectualmente responsável e rigoroso quanto profundamente humano. Devemos também ter cuidado para não cair na armadilha de um iluminismo de fé associado exclusivamente à razão. Precisamos emergir da superficialidade, recuperando uma visão empática e aberta, e compreender melhor como a humanidade se compreende hoje, a fim de desenvolver e aprofundar nosso ensinamento. É por isso que o desejo e o coração não devem ser separados do conhecimento: isso significaria dividir a pessoa. As universidades e escolas católicas são lugares onde as perguntas não são silenciadas e a dúvida não é banida, mas sim acompanhada. O coração, ali, dialoga com o coração, e o método é o da escuta que reconhece o outro como um trunfo, não como um mero obstáculo.

Desenhar novos mapas de esperança, DNME 1-3



Obra 'A Escola de Atenas' de Rafael - Museu do Vaticano

Por uma educação que relacione fé e razão

Wallace Tavares
Alves Sá*

Em sua recente carta apostólica *Desenhando novos mapas de esperança*, Leão XIV oferece uma reflexão sobre o papel vital da educação católica no mundo contemporâneo. O documento aborda desde emergências educacionais globais até a necessária inovação pedagógica, destacando a relação inseparável entre fé e razão no processo do conhecimento e na busca pela verdade. Essa relação não é um “capítulo opcional” (DNME 3.1), mas a condição para uma busca intelectual verdadeiramente responsável, rigorosa e integralmente humana, que evita tanto o reducionismo racionalista quanto uma fé desconectada do pensamento crítico.

A Igreja, lembra-nos o Papa, se compreende como mãe e mestra – portanto, educadora por excelência – não por um desejo de supremacia e controle da verdade, mas por vocação de serviço. Nesse sentido, cada estilo educativo que dela brotou ao longo

A educação como espaço de diálogo e busca pela verdade é um antídoto contra a arrogância do dogmatismo e a passividade do ceticismo, tão presentes nos dias de hoje. É um exercício de caridade intelectual que, ao integrar fé e razão, acolher a dúvida e buscar a sabedoria com incansável esperança, serve não apenas ao indivíduo, mas oferece ao mundo uma forma concreta e urgentemente necessária de humanismo integral.

Neste espaço, formam-se não apenas profissionais competentes, mas seres humanos conscientes de sua dignidade, abertos ao transcendente e comprometidos com a construção de um mundo mais verdadeiro e bom.

dos séculos se fundamenta em uma visão do ser humano como imagem de Deus, chamado à verdade e à bondade. Este fundamento antropológico define o objetivo último do processo educativo: não a mera eficiência técnica, mas a realização plena da pessoa em sua dimensão espiritual, intelectual e moral.

O ser humano é, portanto, capaz da verdade. Essa capacidade exige que a busca pela verdade não seja fragmentada, dilacerada ou dividida. Reconhecer a complementaridade entre fé e razão é indispensável para um conhecimento autêntico. Separar o dese-

jo do coração do rigor do intelecto é mutilar o ser humano. Por isso, escolas e universidades católicas devem ser lugares de acolhimento das dúvidas, em que a escuta prevalece sobre disputas estéreis. O medo do questionamento é incompatível com uma confiança na verdade que se propõe buscar (DNME 3.1).

Esta postura, segundo o Papa, implica uma mudança de perspectiva fundamental ou a “criação de novos mapas de esperança”. Essa nova educação deve saber que a verdade não é troféu a ser defendido; deve aprender

a abordar os problemas com humildade intelectual, sabedoria e abertura. Nesse sentido, oferecer ao mundo uma educação focada na resolução de problemas – entendidos em sua complexidade humana, ética e existencial – é mais perene e eficaz, pois forma pessoas capazes de enfrentar os desafios sempre novos de cada época com um espírito crítico e criativo.

Nesta jornada, a fé não é apenas mais um “tema” no currículo. Ela é o combustível e o espírito que vivifica toda a busca. É o que confere sentido e profundidade ao estudo da história, das ciências, da filosofia e da arte. Ao estudar a natureza, por exemplo, o estudante católico não vê apenas um conjunto de leis físicas, mas “*vestigia Dei*” (vestígios do Criador), o que enriquece sua admiração e sua responsabilidade. A fé impulsiona uma sede de saber que não se sacia, tornando-nos, nas palavras do Papa, “incansáveis buscadores da sabedoria” (DNME 11.3).

* Integrante do Projeto Veritatis Mater, doutorando e mestre em Filosofia pela UFABC. Professor de Sociologia no Colégio Eng. Salvador Arena, em São Bernardo do Campo (SP).

Para além do algoritmo

Alessandro de Oliveira Pedro*

Entro na sala de aula e, antes mesmo do “bom dia”, vejo o brilho azulado das telas refletido nos rostos. É inegável: o mundo mudou e a sala de aula também. A presença da Inteligência Artificial (IA) já não distingue escolas católicas das instituições laicas, universidade pública de privadas, ensino básico do ensino médio. O impacto é transversal. Em salas comuns, laboratórios e bibliotecas digitais, a pergunta que nos assombra é a mesma: como educar pessoas em um mundo mediado por algoritmos?

Ao ler a carta apostólica do Papa Leão XIV, *Desenhar novos mapas de esperança*, senti que suas reflexões dialogam com essa realidade. O documento oferece uma bússola para qualquer projeto educacional sério, lembrando que uma pessoa não é um “perfil de competências” e muito menos se reduz a um “algoritmo previsível” (DNME 4.1).

Nas escolas contemporâneas, cresce a pressão por métricas. A IA apresenta-se como solução tentadora: corrige, organiza, otimiza. Tudo parece mais eficiente. Mas o Papa alerta: a educação não se mede apenas pelo “eixo da eficiência”, mas pela dignidade e pela justiça (DNME 4.2).

O risco que corremos é cair em um “eficientismo sem alma”

A verdadeira inovação é formar pessoas capazes de permanecer humanas. A Inteligência Artificial (IA) desenha mapas, mas só no coração habita o destino. Não nos iludamos: a tempestade é forte, mas nossa esperança é teologal.

(DNME 9.1). A formação perde seu sentido quando se limita a treinar operadores de sistemas, ignorando que o ser humano é “um rosto, uma história, uma vocação” (DNME 4.1). Universidades sem reflexão ética formam profissionais capacitados, mas frágeis.

Nesse cenário, o professor torna-se insubstituível. Não competimos com a IA em velocidade, mas em humanidade. As tecnologias “devem servir à pessoa, não a substituir” (DNME 9.1). Em minha prática,

percebo a mudança: se a IA responde, o educador pergunta; se o algoritmo calcula, o educador contextualiza o erro como crescimento; se a tecnologia informa, o educador forma. Precisamos ensinar “o uso sábio das tecnologias” (DNME 10.3), harmonizando a inteligência técnica com a espiritual.

O Papa Leão XIV toca na ferida ao elencar como prioridade a vida interior. Nossos jovens, exaustos de superficialidade, pedem profundidade. A sala de

aula deve ser onde “as perguntas não são silenciadas e a dúvida não é banida, mas sim acompanhada” (DNME 3.1).

O apelo para desarmar as palavras é vital. O documento recorda que a educação não avança com a polêmica, mas com a “mansidão que escuta”. Em tempos de polarização digital, a escola precisa ser um oásis de “paz desarmada”. Educar torna-se um ato de resistência: ensinamos a depor as armas do julgamento rápido para retomar a linguagem da misericórdia e construir pontes nas quais a sociedade ergueu muros (cf. DNME 10.3).

A educação católica não é refúgio, mas “laboratório de discernimento”. Somos chamados a ser, portanto, “coreógrafos da esperança”, harmonizando a técnica com

a caridade. Não tenhamos medo de desenhar estes novos mapas, pois a estrela polar do Evangelho nunca se apaga. Que nossas escolas sejam “constelações educativas” em que cada aluno, acolhido em sua unicidade, descubra que o verdadeiro conhecimento é aquele que se faz serviço ao próximo (cf. DNME 6.1; 8.1 e 11.1). Avancemos com a tecnologia como auxílio, priorizando as relações humanas e com os olhos fixos em Deus, pois a “esperança não decepciona” (Rm 5,5).

* Diácono permanente da Arquidiocese de São Paulo. Graduado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor de Matemática e Programação na rede estadual de ensino do Estado de São Paulo



Luzes para o caminho educativo

*Retomando os princípios do Pacto Educativo Global, em *Desenhar novos mapas de esperança* Leão XIV oferece uma guia para estes novos tempos, em que a tecnologia parece sobrepor-se à humanidade dentro do processo educativo e da vida.*

Gravissimum educationis inaugurou uma nova era de confiança, incentivando a atualização de métodos e linguagens. Hoje, essa confiança é testada em relação ao ambiente digital. As tecnologias devem servir à pessoa, não a substituir; devem enriquecer o processo de aprendizagem, não empobrecer os relacionamentos e as comunidades. Uma universidade e uma escola católica sem visão correm o risco de cair na “eficiência” sem alma, na padronização do conhecimento, que se transforma em empobrecimento espiritual.

Para habitar esses espaços, é necessária criatividade pastoral: fortalecer a formação de professores na esfera digital; valorizar a aprendizagem ativa; promover a *aprendizagem-serviço* e a cidadania

responsável; evitar toda tecnofobia. Nossa atitude em relação à tecnologia nunca pode ser hostil, porque “o progresso tecnológico faz parte do plano de Deus para a criação”. Mas isso exige discernimento no planejamento, na avaliação, nas plataformas, na proteção de dados e no acesso equitativo. Algoritmo algum pode substituir o que torna a educação humana: poesia, ironia, amor, arte, imaginação, a alegria da descoberta e até mesmo aprender com os erros. O ponto crucial não é a tecnologia em si, mas como a utilizamos. A inteligência artificial e os ambientes digitais devem ser orientados para a proteção da dignidade, da justiça e do trabalho; devem ser regidos por critérios de ética pública e participação; e devem ser acompanhados

por um nível correspondente de reflexão teológica e filosófica [...].

Entre as luzes orientadoras está o *Pacto Educativo Global*. Acolho com gratidão este legado profético que nos foi confiado pelo Papa Francisco. É um convite a formar uma aliança e uma rede para a educação em fraternidade universal. Os seus sete princípios continuam a ser o nosso fundamento: (1) colocar a pessoa no centro; (2) ouvir as crianças e os jovens; (3) promover a dignidade e a plena participação das mulheres; (4) reconhecer a família como a principal educadora; (5) abraçar o acolhimento e a inclusão; (6) renovar a economia e a política ao serviço da humanidade; (7) cuidar da nossa casa comum [...].

Aos sete caminhos, acrescento três prioridades. A primeira diz respeito à vida interior: os jovens anseiam por profundidade; precisam de espaços para o silêncio, o discernimento e o diálogo com a sua consciência e com Deus. A segunda diz respeito ao domínio humano digital: eduquemo-los no uso sábio das tecnologias e da IA, colocando a pessoa acima do algoritmo e harmonizando as inteligências técnica, emocional, social, espiritual e ecológica. A terceira diz respeito ao desarmamento e à promoção da paz: eduquemo-los em uma linguagem não violenta, na reconciliação, na construção de pontes e não de muros; “Bem-aventurados os pacificadores” (Mt 5,9) torna-se simultaneamente o método e o conteúdo da aprendizagem.

Todas as citações de *Desenhar novos mapas de esperança* utilizadas neste Caderno foram diretamente traduzidas da versão em espanhol, uma vez que o site do Vaticano não oferece ainda uma versão em português

Educação e subsidiariedade: um princípio para ordenar responsabilidades

Visto como critério de distribuição de competências, o princípio da subsidiariedade parte de uma intuição antropológica: pessoas e comunidades têm dignidade, responsabilidade e capacidade própria de agir. As instâncias superiores não devem substituir as inferiores por conveniência; devem fortalecê-las e intervir quando houver incapacidade ou falha, oferecendo coordenação e correção.

Bruno Ceretta*

Quando se discute Educação, uma pergunta reaparece com frequência, já formulada como se estas esferas fossem separáveis: quem é o principal responsável por sua promoção: a família e a sociedade ou o poder público e as instituições de ensino? O princípio da subsidiariedade ajuda a ordenar a resposta. Ele sustenta que aquilo que pode ser prestado por instâncias mais próximas das pessoas – como os responsáveis familiares, a comunidade e a escola local – não deve ser centralizado em âmbitos mais distantes.

No campo educacional, a subsidiariedade articula três dimensões: a primazia formativa da família, a liberdade de ensino e o dever do Estado de promover o bem comum. Ela implica reconhecer a precedência educativa dos pais e o papel decisivo das instituições de ensino – privadas e públicas – e dos municípios, ao mesmo tempo em que atribui ao Estado a função de assistir, regular e intervir quando necessário para assegurar que ninguém fique à margem de uma educação de qualidade.

No Brasil, essa lógica aparece no



Imagem gerada por IA

regime constitucional de colaboração. A Constituição de 1988 define a Educação como dever do Estado e da família, com colaboração da sociedade, e organiza responsabilidades entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios: Municípios atuam prioritariamente na educação infantil e no ensino fundamental; Estados no ensino fundamental e no médio; e a União exerce funções redistributivas e supletivas, com assistência técnica e financeira para garantir padrões mínimos de qualidade e reduzir desigualdades regionais, também mantém a rede

federal de ensino superior e técnico.

A formulação moderna do princípio da subsidiariedade ganhou relevo na encíclica *Quadragesimo Anno* (1931), ao estabelecer que planos superiores devem intervir apenas quando os inferiores não puderem alcançar determinados fins por si; e na Declaração *Gravissimum educationis* (1965), ao reafirmar a centralidade da formação humana, reconhecer os pais como primeiros educadores e atribuir ao Estado o dever de favorecer e ordenar o sistema escolar.

Esse horizonte reaparece na carta

apostólica de Leão XIV pelos 60 anos da Declaração *Gravissimum educationis*. Em um mundo fragmentado e digital, o texto insiste que ninguém educa sozinho: a formação é obra comum, fruto de uma constelação de instâncias, como famílias, escolas, universidades, associações e entidades civis (cf. DNME 3.1). Ele também adverte contra reducionismos, pois a Educação não pode ser mero treinamento funcional ou utilidade econômica. Formar é cuidar da pessoa inteira, preservando espaço para diálogo e discernimento (cf. DNME 4.1).

De acordo com o documento, a subsidiariedade é concretizada em práticas de corresponsabilidade educativa, com participação de famílias e educadores na definição de prioridades, no acompanhamento e na melhoria dos projetos formativos (cf. DNME 6.1). Isso supõe mecanismos estáveis de cooperação e prestação de contas entre os atores envolvidos. Em síntese, trata-se de um equilíbrio dinâmico que coordene liberdade, responsabilidade e equidade.

* Professor e advogado. Doutor em Direito pela Universidade de Roma I – “La Sapienza”. Doutor em Direito pela Universidade de São Paulo (USP).

Livros

A consciência que se cumpre – e a fé que chama

Para o cristão, toda boa leitura é um diálogo entre sua humanidade e a do autor, como demonstrado neste artigo.

Alecsandro A. de Souza*

Há livros que não nos pedem leitura, mas resposta. *O Encontro Marcado* pertence a essa categoria rara. Fernando Sabino não constrói uma narrativa de feitos extraordinários, mas um itinerário interior: *o percurso de uma consciência diante do tempo, da liberdade e do sentido*. Sua importância não reside nos acontecimentos que encena – discretos, quase banais –, mas na inquietação que instala, persistente e silenciosa, como uma pergunta que não se deixa calar.

O romance acompanha a vida de Eduardo Marciano. Inteligente, sensível, curioso, cercado de amigos, leituras e oportunidades, Não sofre de carência, mas de excesso. Nada lhe falta. Seu drama nasce justamente daí. O mundo não lhe impõe limites claros; oferece-lhe muitos caminhos. Incapaz de hierarquizar, ele substitui a decisão pela experiência sucessiva. Vive como quem ensaia indefinidamente uma vida que nunca assume como tarefa. Não escolhe; experimenta. Não se compromete; observa-se.

A primeira parte do romance cons-

trói essa dispersão com rigor silencioso. Amizades, debates, projetos intelectuais – tudo começa, quase nada se fixa. Eduardo não foge do mundo; adia-o. Não recusa a vida; suspende-a. Sua inteligência, em vez de ordenar, multiplica possibilidades e dissolve o tempo em uma sucessão contínua de começos.

É ao final dessa etapa que surge a frase mais citada do livro: “De tudo, ficaram três coisas: a certeza de que ele estava sempre começando; a certeza de que era preciso continuar; e a certeza de que seria interrompido antes de terminar. Fazer da interrupção um caminho novo. Fazer da queda um passo de dança, do medo uma escada, do sono uma ponte, da procura um encontro.” Fora do contexto, a passagem soa como síntese de sabedoria. Inserida na narrativa, porém, funciona como balanço existencial. Ela descreve um estado da alma – não um destino.

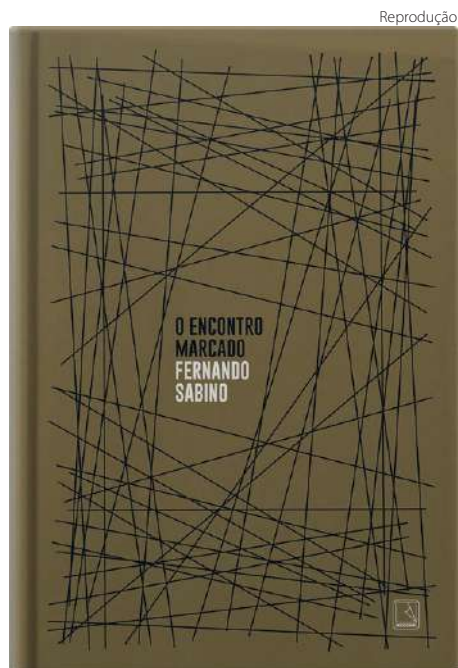
Foi exatamente nesse ponto que o livro mais me tocou – e me exigiu. Não pela beleza da formulação, mas pelo risco que ela revela quando tomada como palavra final. A frase é bela, mas perigosa se absolutizada. Pode transformar a interrupção em virtude, o adiamento em método e a procura em

identidade. Aqui se impõe o discernimento: há correntes existencialistas que vivem dessa elegância, fazendo da inquietação não um caminho para a Verdade, mas um fim em si mesma. Minha fé resiste a essa sedução – não por desprezo da fragilidade humana, mas por recusa de uma estética do provisório que abdica da decisão.

O romance, contudo, não se encerra nesse impasse. A pergunta sobre Deus – lançada ainda no ginásio – retorna como ferida viva ao longo do livro. Sua inquietação não é apenas psicológica ou moral, mas religiosa. Deus não é negado; é resistido. Amor, amizade, cultura e reconhecimento são buscados com intensidade, mas revelam seu limite quando chamados a ocupar o lugar do fim último.

O desfecho simbólico confirma essa chave (evitemos *spoilers*): não é apenas tragédia narrativa; é figura de renascimento. O encontro anunciado no título não é social nem sentimental, mas sobrenatural: encontro com a Verdade que não se fabrica, mas se recebe.

Aqui a tradição cristã oferece a chave decisiva. Como escreveu Santo Agostinho, o coração humano permanece inquieto enquanto não repousa



Reprodução

SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. São Paulo: Record, 2023 [1ª. Edição: Civilização Brasileira, 1956]

em Deus. *O Encontro Marcado* não é o romance de uma consciência fraccassada, mas de uma consciência em vias de conversão. A inquietação não é negada – é redimida. E o encontro deixa de ser ensaio para tornar-se, enfim, caminho.

*Administrador de empresas.

Cardeal Odilo Pedro Scherer abre o Ano Jubilar Franciscano

Luciney Martins/O SÃO PAULO

NA MISSA DE ABERTURA DO JUBILEU, O ARCEBISPO METROPOLITANO RECORDOU QUE SÃO FRANCISCO DIFUNDIU AO MUNDO A MENSAGEM DE CRISTO

JENNIFFER SILVA
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Diante do altar da primeira igreja dedicada a São Francisco na cidade de São Paulo, frades, religiosas e leigos da família franciscana reuniram-se no sábado, 21, para a missa de abertura do Ano Jubilar Franciscano, em memória dos 800 anos do trânsito do Pai dos Pobres, em 1226.

A celebração eucarística foi presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano, no Convento São Francisco, na região central. A solenidade marcou oficialmente na Arquidiocese o início das comemorações do Ano Jubilar Franciscano, em sintonia com toda a Igreja.

Instituído pela Santa Sé, por meio de decreto da Penitenciaria Apostólica, o Jubileu teve início em 10 de janeiro de 2026 e prosseguirá até 10 de janeiro de 2027.

Durante o Ano Jubilar, os fiéis poderão alcançar a indulgência plenária mediante o cumprimento das condições habituais (Confissão sacramental, participação na Eucaristia e oração nas intenções do Papa), associadas à vivência devota das celebrações jubilares e à peregrinação a igrejas e espaços franciscanos.

MODELO FIEL DE CRISTO

O decreto pelo qual se promulgou o Ano Jubilar Franciscano apresenta o período como um tempo de renovação para toda a Igreja. Inspirados em Francisco de Assis, os fiéis são convidados a contemplar um modelo pleno de perfeição cristã.

“Quando a caridade cristã enfraquece, a ignorância se espalha juntamente com os maus costumes, e quem exalta a concórdia entre os povos o faz mais por egoísmo do que por sincero espírito cristão; quando o virtual prevalece sobre o real, dissensões e violências sociais passam a integrar o cotidiano, e a paz se torna, a cada dia, mais incerta e distante. Que este Ano de São Francisco estimule todos nós, cada um segundo suas próprias possibilidades, a imitar o Pobrezinho de Assis, a nos formar, tanto quanto possível, segundo o modelo de Cristo, e a não tornar vãos os propósitos do Ano Santo recém-concluído: que a esperança que nos fez peregrinos se transforme agora em zelo e fervor de caridade concreta”, lê-se no decreto.

‘ASSIS É AQUI’

Para o Frei Gustavo Medella, Vigário Provincial, guardião e Pároco do Convento Santuário São Francisco, a abertura do Ano Jubilar Franciscano na Arquidiocese possui um significado particular, pois pela força da espiritualidade franciscana, a celebração permite afirmar que “o Convento São Francisco se torna Assis”.

“Neste pedaço de chão, após 800 anos



Na abertura do Ano Jubilar Franciscano, em missa no sábado, 21, Dom Odilo Pedro Scherer exorta a um olhar mais aprofundado para a vida do Santo

da passagem de Francisco de Assis, ele continua vivo entre nós e em nós. Esta não é apenas uma celebração da família franciscana, mas de toda a Igreja particular em São Paulo e no mundo, pois estamos reunidos em torno de alguém que sabia congregar e promover o diálogo, a comunhão e a proximidade com Deus”, afirmou o Vigário Provincial.

Para o Frade, Francisco permanece presente na metrópole em cada gesto concreto de solidariedade e generosidade, em uma cidade que “sonha ser cada vez mais aberta e inclusiva, na qual todos possam viver com dignidade, de forma feliz, garantindo o pão de cada dia, tendo acesso ao lazer e cultivando a própria fé. Esse é o grande sonho de Francisco e o grande sonho da família franciscana para a cidade de São Paulo”.

De acordo com Frei Gustavo, ao longo do Ano Jubilar os fiéis poderão peregrinar por mais de 20 igrejas dedicadas a São Francisco na Arquidiocese de São Paulo. O percurso permitirá recordar a vida do santo e, mais do que rezar ou pedir sua intercessão, “buscar, em seu exemplo, ações e atitudes que nos ajudem a nos

tornar pessoas melhores, mais generosas, atentas ao cuidado com o outro e com a nossa casa comum, o planeta Terra. Assim, será possível viver o sonho que Deus sonhou em Francisco”, completou.

O SANTO DA COMUNHÃO

O Frei Paulo Roberto Pereira, Ministro Provincial da Província da Imaculada Conceição, destacou que a abertura do Ano Jubilar Franciscano, em sintonia com a Igreja em São Paulo, reafirma que a vida franciscana se realiza em unidade eclesial. Segundo ele, a vida consagrada é um dom da Igreja colocado a serviço de sua missão, tendo como marca essencial a construção da unidade: “Esse é um sinal indispensável: o franciscano deve ser testemunha da comunhão”.

O Religioso também recordou a gratidão da família franciscana pela escolha do nome do Papa Francisco, gesto que, segundo ele, fortaleceu ainda mais o compromisso com os ideais do Pobrezinho de Assis.

“Assim como fomos profundamente agradecidos, esse gesto acendeu em nós a consciência de que precisamos viver com

ainda mais fidelidade o carisma de São Francisco. Ele é modelo de virtude, luz e referência em muitos aspectos, mas, antes de tudo, é irmão: irmão de toda criatura, do mais pobre e até daquele que reza de modo diferente de nós”, ressaltou.

Para o Ministro Provincial, o legado franciscano se expressa, sobretudo, na fraternidade e na minoridade. “O convite que a vida de São Francisco nos faz é à fraternidade, e a urgência desse chamado já se manifesta em todos os setores da sociedade e em todo o mundo”, frisou.

O HOMEM DA ESPERANÇA

Na homilia da missa, Dom Odilo Scherer ressaltou que este tempo de graça convida não apenas os católicos, mas todas as pessoas, a olhar para a vida de São Francisco de forma mais aprofundada, reconhecendo nele um sinal de esperança, fraternidade e renovação da Igreja a partir do amor ao Evangelho.

“São Francisco continua a ser importante para nós, como cristãos, para toda a Igreja e para o mundo. Por isso, hoje ele é reconhecido também fora do âmbito cristão-católico como um irmão de muitos que não são cristãos, mas que nele se reconhecem como irmãos. Em Francisco, veem um filho de Jesus Cristo, portador de uma mensagem clara, que não é a mensagem de Francisco, mas a mensagem do próprio Jesus, e que, por meio de São Francisco, continua a ser vivida e anunciada”, manifestou o Arcebispo.

UMA LUZ QUE NÃO SE APAGA

Ao término da missa, ocorreu a exposição da Relíquia de São Francisco de Assis, que poderá ser venerada pelos fiéis durante todo o período jubilar. Na procissão que conduziu a relíquia até o altar, os frades caminharam com velas acesas nas mãos, em sinal da presença luminosa do Pobrezinho de Assis na vida da Igreja.



Curia Generale OFM Cap

No contexto do oitavo centenário da morte de São Francisco de Assis, no sábado, 21, aconteceu a exumação dos restos mortais do Santo na Basílica Superior de Assis. À tarde, ocorreu a celebração da transladação e das Vésperas, na presença de cerca de 300 frades, presidida pelo Cardeal Ángel Fernández Artime, Legado Pontifício. Mais de 370 mil peregrinos compareceram. Os restos mortais ficarão expostos até 22 de março, podendo ser venerados publicamente pela primeira vez na história.

(por Redação)

ACESSE A RELAÇÃO DAS IGREJAS DE PEREGRINAÇÃO NA ARQUIDIOCESE
www.osaopaulo.org.br/sao-paulo

Comunhão e Libertação comemora 50 anos de presença em São Paulo

MISSA EM AÇÃO DE GRAÇAS, PRESIDIDA PELO CARDEAL SCHERER, TAMBÉM RECORDOU O 44º ANIVERSÁRIO DO RECONHECIMENTO PONTIFÍCIO DESTES MOVIMENTO ECLESIAL E OS 21 ANOS DO FALECIMENTO DO FUNDADOR, O PADRE LUIGI GIUSSANI

Fraternidade de Comunhão e Libertação/Arquivo



Patrícia Molina



Dom Luigi Giussani (segundo à direita no altar), em missa em São Paulo em 1985; cinquentenário de Comunhão e Libertação na Arquidiocese é celebrado na Paróquia Santo Agostinho, no domingo, 22

DANIEL GOMES
osaopaulo@uol.com.br

Há 50 anos, Dom Paulo Evaristo Arns, então Arcebispo Metropolitano de São Paulo, enviava dois missionários do movimento Comunhão e Libertação (CL), iniciado pelo sacerdote italiano Luigi Giussani (1922-2005), para recomencem a Pastoral Universitária na Arquidiocese de São Paulo: o Padre João Carlos Petrini, hoje Bispo Emérito de Camaçari (BA), que já trabalhava com as Comunidades Eclesiais de Base na periferia da cidade, e o até então leigo Vando Valentini, que seria ordenado sacerdote em 1983.

“Desde o seu início, em fevereiro de 1976, Dom Paulo acompanhava de perto o desenvolvimento dessa experiência e sempre enfatizava a necessidade de uma proximidade com o povo, o que se realizava com a ‘Semana da Periferia’, quando os universitários deixavam as suas atividades para morar na periferia junto a uma Comunidade Eclesial de Base (CEBs)”, recordou, ao **O SÃO PAULO**, Olívio Pereira, um dos pioneiros de Comunhão e Libertação na cidade. Era o início dos trabalhos das Comunidades Universitárias de Base (CUBs), que rapidamente cativaram dezenas de universitários.

Na tarde do domingo, 22, uma missa em ação de graças pelos 50 anos da presença de Comunhão e Libertação em São Paulo foi presidida pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano, na Paróquia Santo Agostinho, na Aclimação, Região Sé, na qual também foram recordados o 44º aniversário do reconhecimento pontifício desta Fraternidade e os 21 anos do falecimento de Dom Giussani, como era mais conhecido o fundador da CL.

MÉTODO EDUCATIVO PARA A FÉ

Ordenado sacerdote em 1945, Luigi Giovanni Giussani logo percebeu em sua atuação pastoral na Arquidiocese de Milão que os jovens estavam se afastando do testemunho da fé, mesmo conhecendo a doutrina e o dogma da Igreja. Com autorização de seus superiores, passou a ensinar

religião em uma escola de ensino médio e, em 1954, no Liceu clássico Berchet de Milão, onde se consolidou a comunidade de jovens *Gioventù Studentesca* (GS), dando início ao movimento Comunhão e Libertação, que teria este nome a partir de 1969.

Segundo Alexandre Ferraro, responsável nacional de Comunhão e Libertação, o carisma do movimento “é um método educativo para a fé de jovens e adultos. Ele parte do fato de que o Cristianismo não é primeiramente uma doutrina, um rito, uma moral, mas o encontro com o homem-Deus, Jesus Cristo, por meio de presenças humanas, comunidades (comunhão). Esse encontro torna a vida mais plena e cheia de significado (o centuplo) e gera um sujeito novo que, naturalmente, se torna uma presença propositiva (missão) onde quer que viva, sinal de uma vida nova em meio às atuais circunstâncias históricas (libertação). Só essa vida nova pode chegar, no tempo e se Deus quiser, a construir estruturas sociais novas. Sempre repetimos ‘aquilo que move o coração é a mesma coisa que muda o mundo’”.

Ao longo dos anos 1970, CL se difundiu em universidades, colégios e entre adultos, principalmente na Itália. Nas duas décadas seguintes, a convite de São João Paulo II, o movimento se expandiu pelo mundo, estando atualmente em cerca de 90 países. Em 11 de fevereiro de 1982, a Igreja reconheceu a Fraternidade de Comunhão e Libertação como associação universal de fiéis.

O TESTEMUNHO TRADUZIDO EM OBRAS

Francesco Tremolada, responsável diocesano por Comunhão e Libertação em São Paulo, explicou à reportagem que as principais ações do movimento não nascem de projetos ou para dar respostas a problemas pontuais: “Antes de tudo, são

iniciativas que ajudam ao amadurecimento da fé”. Ele detalhou os três passos essenciais aos que participam da Fraternidade: a formação nas Escolas de Comunidade, com a leitura e meditação de textos de Dom Giussani e a troca de experiências sobre a vida de fé e sua capacidade de incidir na realidade; a promoção de iniciativas caritativas (voluntariado); e a missão de testemunhar a fé no cotidiano.

Ele explicou que, atualmente, em São Paulo, há cerca de 300 membros de Comunhão e Libertação, de variadas idades, profissões e classes sociais.

Alexandre Ferraro lembrou que a CL contribui com a Igreja, especialmente nos âmbitos da cultura e da educação: “No Brasil, as circunstâncias sociais suscitaram respostas concretas nascidas do encontro com necessidades reais das pessoas. Assim, surgiram iniciativas de acolhida a imigrantes, experiências de apoio a famílias e presos, e formas de promoção humana em periferias urbanas. Não são projetos planejados a partir de uma estratégia, mas obras que brotam da caridade vivida e do desejo de compartilhar o bem encontrado”.

A ATUALIDADE DO PENSAMENTO DE DOM GIUSSANI

Na homilia da missa, o Cardeal Scherer enfatizou que, a exemplo de Jesus nos 40 dias de jejum no deserto, todo ser humano deve resistir às tentações de se preocupar apenas com a satisfação dos próprios prazeres, da pretensão de querer mandar no Senhor ou de substituir Deus pelo diabo para conseguir poder. O Arcebispo lembrou, ainda, que ao ser batizado e nas ocasiões de renovação das promessas batismais, como na Vigília Pascal, cada cristão renuncia ao pecado, ao demônio e à desunião com Deus, e que a Quaresma é tempo oportuno para o fortalecimento dessa união com o Senhor.

“Padre Giussani traz muitos ensina-

mentos nesse sentido da escolha de Deus e da fidelidade a essa escolha ao longo da vida, e sobre as maneiras que nós precisamos adotar se queremos perseverar nessa escolha para que o tentador não se insira no meio de nossa vida e dela tome conta”, afirmou Dom Odilo.

Na quinta-feira, 19, Dom Mario Delpini, Arcebispo de Milão, anunciou que em 14 de maio será celebrada a conclusão da fase diocesana do processo de beatificação e canonização de Dom Giussani, iniciada em 2012. Ele referiu-se ao Sacerdote como um “apaixonado pela nossa Igreja, a quem desejou servir com o ardor da sua alma e o seu zelo. Na sua vida e ministério, demonstrou os frutos de um amor intenso por Deus: a fecundidade que pôde dar origem a algo que o Espírito de Deus tornou precioso para toda a Igreja”, disse, aludindo à Fraternidade de Comunhão e Libertação.

Na avaliação de Francesco Tremolada, Comunhão e Libertação se mantém atual pois “propõe, de forma fascinante, o núcleo essencial da fé cristã, não inventa coisas especiais, mas repropõe os elementos elementares da vida cristã”.

Para Alexandre Ferraro, os ensinamentos de Dom Giussani muito podem contribuir no agir evangelizador da Igreja, especialmente com os mais jovens. “A questão com as novas gerações não é um problema de conhecimento (melhores catequeses), nem de moral (chamados mais persuasivos às virtudes), mas um problema humano. A alienação de si mesmo, das próprias perguntas últimas, torna a resposta, que é Cristo, como que não percebida. Ajudar as pessoas a prestarem atenção na própria experiência humana, a ver na arte, na literatura, no cinema e nas inquietações contemporâneas essas perguntas, leva ao despertar da espera que tem em Cristo sua resposta total. O abismo da inquietação humana, porém, só pode ser encarado dentro de uma companhia de pessoas conscientes de terem sido chamadas juntas por Cristo”.

(Colaborou: Patrícia Molina)

Conheça mais sobre Comunhão e Libertação

<https://cl.org.br>

BELÉM

Na abertura da Quaresma, Dom Cícero destaca o chamado da CF 2026 por moradia digna

FERNANDO ARTHUR
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Na Quarta-feira de Cinzas, 18, a Comunidade São Judas Tadeu, pertencente à Paróquia Imaculado Coração de Maria, no Conjunto Promorar, extremo Leste da capital paulista, ficou repleta de fiéis e integrantes de movimentos de luta por moradia, que participaram da celebração eucarística de início da Quaresma e da abertura oficial da Campanha da Fraternidade (CF) 2026 na Região Belém, este ano com o tema “Fraternidade e Moradia”.

A missa foi presidida por Dom Cícero Alves de França, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Belém. Concelebrou o Padre Thiago Faccini



Ana Clara Faneco e Gustavo de Sena Balog

enfático ao afirmar que a Quaresma “perderia uma de suas pernas” se não colocasse a caridade em prática. Ele convidou a assembleia a olhar para a realidade de milhares de brasileiros que não têm onde viver.

O Bispo Auxiliar recorreu as visitas pastorais que tem feito pela Região Belém, especialmente às favelas, testemunhando de perto a dor e o sofrimento da população vulnerável. Ele fez um apelo à empatia e à ação social: “Enquanto estamos dentro da nossa casa protegidos do frio, do calor, da chuva... muitos irmãos e irmãs não dormem tranquilamente ou porque não têm onde morar ou porque moram de maneira indigna”.

Paro, Pároco, com a assistência do Diácono Marcel Martins, Assessor Eclesiástico regional da Campanha da Fraternidade.

Na homilia, Dom Cícero lembrou que as portas da Quaresma só se abrem a partir da experiência da humildade aos que se reconhecem como “pó e cinza”. Ele destacou que este grande retiro de 40 dias deve ser

sustentado por três pilares: a esmola (caridade), a oração e o jejum.

O Bispo alertou os fiéis sobre o verdadeiro sentido da penitência, explicando que o jejum vai muito além da privação de alimentos e não deve ser confundido com dietas.

Ao conectar as práticas quaresmais com a Campanha da Fraternidade de 2026, Dom Cícero foi



Pascom paroquial

Na noite da quinta-feira, 19, tomou posse como Pároco da **Paróquia São João Batista**, no Carrão, Decanato São Lucas, o Padre Manoel Vieira, SAC. A missa foi presidida por Dom Cícero Alves de França e concelebrada por padres da Arquidiocese e da Congregação da Sociedade do Apostolado Católico (Palotinos).

(por Fernando Arthur)



Pascom paroquial

Na noite da sexta-feira, 20, Dom Cícero Alves de França deu posse ao Padre Edmar Hermínio, OFMCap., como Pároco da **Paróquia Nossa Senhora de Fátima e São Roque**, Decanato São Timóteo, e apresentou o Padre Carlos Coltri, OFMCap., como Vigário Paroquial. Entre os concelebrantes estiveram padres da Congregação da Ordem dos Franciscanos Menores Capuchinhos.

(por Fernando Arthur)



Pascom paroquial

Dom Cícero Alves de França presidiu missa na **Paróquia São João Batista do Brás**, Decanato Santa Maria e São José, no sábado, 21, e deu posse no ofício de Administrador Paroquial ao **Padre João Batista dos Santos**. Concelebrou o Padre Arlindo Pereira Dias, CSsP, Colaborador Paroquial, com a assistência do Diácono Pedro Ernesto dos Santos, Assistente Pastoral.

(por Fernando Arthur)



Pascom paroquial

Na manhã do domingo, 22, o Diácono Seminarista Leonardo de Oliveira foi apresentado como Assistente Pastoral da **Paróquia Nossa Senhora da Conceição**, no Tatuapé, Decanato São Lucas. A missa foi presidida por Dom Cícero Alves de França e concelebrada pelo Padre José Mário Ribeiro, Pároco.

(por Fernando Arthur)



Pascom paroquial

Os fiéis da **Paróquia Santa Isabel Rainha**, na Vila Santa Isabel, Decanato São Lucas, acolheram, no domingo, 22, o Padre Valdeir dos Santos Goulart como Pároco e o Diácono Seminarista Vinicius Pinheiro Nunes como Assistente Pastoral, em missa presidida por Dom Cícero Alves de França.

(por Fernando Arthur)



Pascom paroquial

Na noite do domingo, 22, Dom Cícero Alves de França presidiu missa na **Paróquia São Pedro Apóstolo**, na Vila Industrial, Decanato Santa Maria Madalena, concedeu posse canônica ao Padre Carlos Roberto Fróes como Administrador Paroquial e apresentou o Padre Dêvisson Luan Oliveira Dias como Vigário Paroquial.

(por Fernando Arthur)

IPIRANGA

Dom Celso Alexandre é apresentado como Vigário Episcopal para a Região Ipiranga

KAREN EUFROSINO
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

Em uma celebração realizada na Paróquia Nossa Senhora da Saúde, Decanato São Mateus, na noite da sexta-feira, 20, Dom Celso Alexandre foi apresentado como Vigário Episcopal para a Região Ipiranga.

Antes da missa, o Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano, recebeu o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na entrada do templo e o acompanhou ao altar, apresentando-o à assembleia de fiéis. “Quero dar a Dom Celso as boas-vindas a nossa Arquidiocese, e especialmente à Região Epis-

copal Ipiranga, que lhe é entregue para que o senhor a pastoreie, que cuide desta grande porção do povo de Deus que aqui habita”, disse o Cardeal.

Na homilia, Dom Celso falou sobre o desafio de sua nova missão. “Quando fui convocado ao episcopado, tive dois sentimentos em meu coração - o temor e tremor - porque sei das responsabilidades e da missão de um Bispo”.

“Meu lema de episcopado é ‘Apascenta as minhas ovelhas’ (Jo 21,17), e compreendo que é este o chamado que o Senhor faz a mim e é esta a minha missão:

apascentar, cuidar, conduzir e zelar pelo bem do rebanho. O episcopado é a missão que o Senhor me confia, para o bem da Igreja e do povo de Deus”, disse ainda o Bispo Auxiliar.

Entre os concelebrantes estiveram Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Santana; Padre Jorge Bernardes, Vigário-Geral Adjunto da Região Ipiranga; Padre José Maria Mohomed Júnior, Coordenador regional de Pastoral; e o Frei Alcimar Fioresi, OAR, Pároco da Paróquia Nossa Senhora da Saúde.



Nilza Kobalashy

Formação regional destaca a temática da Campanha da Fraternidade

Cerca de 250 pessoas, entre padres, lideranças de paróquias das pastorais e dos movimentos e membros das comissões Anúncio, Santificação e Testemunho, bem como integrantes da Pastoral da Moradia participaram da formação sobre a Campanha da Fraternidade de 2026, com o tema “Fraternidade e Moradia”, no sábado, 21, no auditório do *campus* Ipiranga da PUC-SP.

Compuseram a mesa Dom Celso Alexandre, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga; os Padres Jorge Bernardes, Vigário-Geral Adjunto; Antônio Naves Ferreira, Coordenador da equipe da CF no Ipiranga; José Maria Mohomed Junior, Coordenador regional de Pastoral; Alfredo José Gonçalves, CS, Vice-presidente do Serviço Pastoral dos Migrantes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); e José Geraldo Rodrigues Moura, Coordenador regional



Willy Oliveira

da comissão de Testemunho; além de Ermínia Maricato, arquiteta, urbanista e professora emérita da USP; André Delfino da Silva, participante do Movimento de Defesa do Favelado; e Benedito Roberto Barbosa, advogado da União dos Movimentos de Moradia de São Paulo e membro do Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos.

A professora Ermínia Maricato

apresentou os aspectos históricos e os desafios da moradia popular na cidade de São Paulo. Padre Alfredo abordou o lema da Campanha – “Ele veio habitar entre nós” (Jo 1,14), reforçando os aspectos bíblicos da CF 2026. André Delfino tratou sobre a realidade dos moradores de áreas como a Favela da Vila Prudente, na área de abrangência da Paróquia Santo Emídio. Já Benedi-

to Roberto discorreu sobre possíveis ações e gestos concretos a serem realizados em nível paroquial e nos decanatos, entre os quais a abertura do espaço paroquial para acolher os movimentos em defesa da moradia, o mapeamento, por decanatos, da população em situação de rua, bem como os moradores de cortiços, favelas e conjuntos habitacionais populares, a fim de fazer chegar a estes moradores os sacramentos, além da visita aos doentes e momentos de formação bíblica.

Na sequência, Dom Celso fez uma análise do cartaz da CF 2026, destacando a imagem de Jesus sem rosto: “A Campanha chama a nossa atenção. Que possamos ter o coração aberto, as portas abertas a esta realidade”, completou, exortando os participantes a transformarem o Texto-base da CF 2026 em frutos nas comunidades, além da realização da via-sacra, com jovens, crianças e demais grupos. (KE)



Pascom paroquial

No domingo, 22, foram comemorados os 90 anos de inauguração da Igreja São José de Vila Zelina, Decanato São Marcos, e os 86 anos de sua elevação a Paróquia, fundada por imigrantes lituanos. A Eucaristia foi presidida por Dom Celso Alexandre e concelebrada pelo Padre Fausto Marinho, Pároco. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Ipiranga destacou que o tempo litúrgico da Quaresma convida à conversão e à centralidade de Deus na vida dos fiéis. Recordando as tentações de Jesus no deserto, ressaltou: “Somos criaturas amadas por Deus, criadas por amor e para a comunhão com Ele. Toda felicidade verdadeira nasce dessa comunhão”. O Bispo também enfatizou que, diante das tentações, Cristo respondeu com a Palavra, e que os cristãos são chamados a escolher o caminho da obediência, da fé, da família, do amor, do perdão e da caridade.

(por Pascom paroquial)



Lucas Cruz

Na Quarta-feira de Cinzas, 18, Dom Celso Alexandre presidiu a missa de abertura da Quaresma na Paróquia Santa Paulina, Decanato Santo André, concelebrada pelos Padres Pedro Pereira dos Santos, Pároco, e Arlindo de Souza Trindade, Colaborador Paroquial. Foi a primeira visita do Bispo Auxiliar de São Paulo a uma comunidade da Região Ipiranga.

(por Pascom paroquial)

BRASILÂNDIA

Defesa de moradia digna marca a abertura regional da CF 2026

EVA NASCIMENTO
COLABORADORA DE COMUNICAÇÃO NA REGIÃO

A Região Brasilândia realizou na tarde do domingo, 22, com a participação de cerca de 1,5 mil pessoas, a abertura regional da Campanha da Fraternidade 2026, no Santuário São Jaraguá, Decanato São Barnabé, com o tema “Fraternidade e Moradia” e o lema “Ele veio morar entre nós” (Jo 1,14).

A celebração foi organizada a partir das orientações do Coordenador Regional da CF, o Frei Marx Rodrigues dos Reis, OFM, Pároco da Paróquia Santa Cruz, Decanato São Filipe. Ele destacou que a Campanha da Fraternidade é um chamado à conversão concreta, que une fé e vida, oração e ação, especialmente diante da

realidade da moradia precária vivida por muitas famílias da periferia.

Durante a celebração, símbolos como a casa, o presépio e as cruzes da realidade ajudaram a comunidade a ver, iluminar e agir frente aos desafios da falta de moradia digna, dos despejos forçados, da violência e da ausência de políticas públicas eficazes. O trabalho reforçou que Deus faz morada no meio do povo, especialmente nas casas periféricas e nos territórios marcados pela exclusão.

Dom Carlos Silva, OFMCap., Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Brasilândia, encorajou as comunidades a viverem uma fé comprometida com a justiça social com gesto concreto de solidariedade aos mais necessitados. Ele ressaltou que defender o direito à moradia



Taise Cortês

é defender a vida e a dignidade humana.

Também marcante no encontro foram alguns testemunhos pela luta por moradia e o chamado permanente à solidariedade e à cobrança de políticas públicas que garan-

tam casa, terra e dignidade para todos. Na ocasião, o Padre Alfredo José Gonçalves, CS, missionário scalabriniano, exortou: “A casa é sinônimo de proteção e dignidade. Permaneçam unidos!”



Thiago Souza

No domingo, 22, Dom Carlos Silva, OFMCap., deu posse ao Padre Gutemberg Pereira como Pároco da **Paróquia São Francisco de Assis**, Decanato São Filipe. Até então, o Sacerdote desempenhava o ofício de Administrador Paroquial. Durante a missa, ele renovou as promessas sacerdotais e recebeu os símbolos do seu ministério pastoral: as chaves da igreja e do sacrário, a estola roxa e os santos óleos.

(por Denise Braz)



Raphael Benevides

No sábado 21, realizou-se na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, Decanato São Filipe, o **X Congresso Regional do Encontro de Casais com Cristo (ECC)**, com o tema “É na oração e na perseverança que encontramos Cristo”, e lema “E o Verbo se fez carne e habitou no meio de nós” (Jo 1,14). A atividade começou com a missa presidida pelo Padre Robinson Sérgio dos Santos, Pároco da Paróquia São Luís Maria Grignon de Montfort, Decanato São Barnabé, concelebrada pelo Padre Reinaldo Torres, Pároco da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Decanato São Filipe. Na sequência, os coordenadores regionais do ECC realizaram reflexões, partilhas e formações voltadas ao fortalecimento da vida conjugal e da missão evangelizadora das famílias, segundo

(por Raphael Benevides)

LAPA

Dom Edilson destaca a Quaresma como tempo de graça e de conversão

BENIGNO NAVEIRA
COLABORADORA DE COMUNICAÇÃO NA REGIÃO

Na Quarta-feira de Cinzas, 18, na Paróquia Nossa Senhora da Lapa, Decanato São Simão, foi realizada a missa de abertura da Quaresma, presidida por Dom Edilson de Souza Silva, tendo entre os concelebrantes os Padres João Carlos Deschamps de Almeida, Vigário-Geral Adjunto da Região Lapa, e Marcos Roberto Pires, Pároco, com a assistência do Diácono Marcos Adriano de Souza e do Diácono Seminarista Fabiano Henrique da Silva.

Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa destacou a Quaresma como tempo de graça e de conversão, no qual todos são convidados à preparação para a celebração do Mistério Pascal de Cristo, por meio dos exercícios quaresmais do jejum, da esmola (caridade) e da oração.

“As cinzas que recebemos serão sinal do quanto reconhecemos nossa pequenez e a grandeza do amor e da misericórdia de nosso Deus que nos salva em Cristo!”, afirmou o Bispo sobre o rito que marca a celebração de abertura da Quaresma.

Dom Edilson ressaltou que a Quaresma é um tempo para a renovação da graça batismal e mencionou que o ciclo de leituras dos domingos deste tempo litúrgico aponta para esta direção.



Benigno Naveira

O Bispo lembrou, ainda, que a caridade é o caminho excelente para se viver toda a fé e tudo o que a ela se relaciona, uma vez que a caridade fraterna é um movimento de saída de si par ir ao encontro do outro, de modo especial daqueles que mais necessitam – o pobre, o irmão

enfermo, o que passa tribulação, o triste e deprimido, o idoso debilitado ou solitário, a criança desassistida ou abandonada, as vítimas de violência, os sem casa e os irmãos em situação de rua – e neles está Cristo, razão pela qual anualmente a Igreja realiza a Campanha da Fraternidade.



Oswaldo Reis

No sábado, 21, os integrantes do **Conselho Regional de Pastoral (CRP)** reuniram-se na sede regional para a primeira reunião ordinária do ano, conduzida por Dom Edilson de Souza Silva, tendo entre os participantes o Padre Pedro Augusto Ciola de Almeida, Coordenador Regional de Pastoral. No início das atividades, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Lapa lembrou que o encontro tinha por objetivo fazer uma avaliação sobre os desafios pastorais do CRP e seu papel e missão na Região. Ao longo da reunião, falou-se sobre os novos coordenadores das comissões Anúncio e Santificação e dos padres recém-chegados à Região Episcopal. Também os representantes das Pastorais da Comunicação, da Família, Liturgia, Animação Bíblica e das Exéquias falaram sobre as organizações dos trabalhos. Houve ainda reflexões sobre a CF 2026.

(por Benigno Naveira)

O SÃO PAULO

www.osaopaulo.org.br

Diariamente, no *site* do jornal **O SÃO PAULO**, você pode acessar notícias sobre a Igreja e a sociedade em São Paulo, no Brasil e no mundo. A seguir, algumas notícias e artigos publicados recentemente.

Papa: a educação religiosa deve levar a um verdadeiro encontro com o Senhor
<https://curt.link/TXWau>

Bispos do México pedem oração e cautela diante da onda de violência no país
<https://curt.link/ihosJ>

No Paraná, bispos expressam ‘dor e consternação’ pelo assassinato da Irmã Nadia
<https://curt.link/EtXaS>

Na CNBB, Arcebispo de Kiev agradece: ‘A Igreja no Brasil está conosco’
<https://curt.link/kAtDo>

Fortes chuvas em Juiz de Fora (MG): Igreja se solidariza com as vítimas
<https://curt.link/haLXA>

SANTANA

Dom Márcio é apresentado como Vigário Episcopal para a Região Santana

EDMILSON FERNANDES
COLABORAÇÃO ESPECIAL PARA A REGIÃO

“Aprenderei a ser bispo ainda. Contem comigo para caminharmos juntos!” Este foi o tom da primeira homilia do Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, Bispo Auxiliar da Arquidiocese de São Paulo, ao ser acolhido no sábado, 21, na Basílica Menor de Sant’Ana, como Vigário Episcopal para a Região Santana.

O Bispo foi apresentado ao clero e à assembleia de fiéis pelo Cardeal Odilo Pedro Scherer, Arcebispo Metropolitano, e depois presidiu a missa, concelebrada por padres que atuam na Região Santana e sacerdotes da Ordem de Santo Agostinho, com a assistência de diáconos e a participação de religiosos, leigos agentes de pastorais e movimentos das 60 paróquias desta Região Episcopal, além de fiéis da Diocese de Bragança Paulista (SP), onde atuou por muitos anos. Também participaram os pais, Adelfo e Antonia, e outros familiares que vieram da cidade natal do Bispo, Dois Córregos (SP).

BEM-VINDO À CASA DA VÓ!

Após a procissão de entrada, o Padre José Roberto Abreu de Mattos, Reitor da Basílica de Sant’Ana, deu as boas-vindas ao novo Bispo. Ele reforçou o simbolismo que representa o olhar materno da padroeira da Basílica, a avó de Nossa Senhora.



Dom Odilo Pedro Scherer pediu que os padres, religiosos, leigos e pastorais apoiem o novo pastor e colaborem com ele.

O Padre Carlos Alberto Doutel, até então Vigário Episcopal para a Região Santana, também discursou em acolhida a Dom Márcio e, em nome da Região, ofereceu-lhe alguns presentes. Também presentearam o Bispo alguns padres responsáveis pelos decanatos.

REVESTIDO DE MISERICÓRDIA, BONDAD E HUMILDADE

Dom Márcio iniciou a homilia relem-

brando o seu lema episcopal – “Revestido de misericórdia, bondade e humildade” – para indicar como vai atuar no trabalho pastoral. Expressou gratidão e reforçou o compromisso de trabalhar inspirado em Santo Agostinho.

O Bispo prometeu dar continuidade ao legado de todos os bispos que passaram pela Região Santana. Emocionado, recordou que um deles foi Dom Paulo Evaristo Arns, e lembrou de seu legado inestimável de trabalho pelos direitos humanos no Brasil. Também destacou que foi designado para esta Região por

Dom Odilo Pedro Scherer, o quarto bispo a trabalhar em Santana, antes de se tornar Arcebispo de São Paulo.

Em sinal de gratidão, Dom Márcio ofereceu um presente ao Padre Carlos Alberto Doutel pelo trabalho como Vigário Episcopal para a Região Santana desde agosto de 2024, após a saída de Dom Jorge Pierozan, nomeado pelo Papa Francisco como Bispo de Rio Grande (RS).

Dom Márcio Vidal demonstrou disposição de caminhar junto com os padres, religiosos e agentes de pastoral. Ao final, pediu que todos rezem por ele e pelos pais, Adelfo e Antonia.



Na Quarta-feira de Cinzas, 18, na **Paróquia Natividade do Senhor**, Decanato São Matias, Dom Márcio Antonio Vidal de Negreiros, OSA, presidiu a missa de abertura da Quaresma. Concelebrou o Padre Andrés Marengo, Administrador Paroquial, com a assistência dos Diáconos Antônio Ferreira Júnior e João Vasconcelos Teotônio. **(por Fábio Ferreira)**

SÉ



Na manhã do dia 15, na **Paróquia Santo Antônio do Pari**, Decanato São Paulo, 14 jovens receberam o sacramento da Crisma, em missa presidida por Dom Rogério Augusto das Neves e concelebrada pelo Frei Gilberto Marcos Sessino Piscitelli, OFM, Pároco. **(por Pascom paroquial)**



No domingo, 22, no **Santuário São Francisco**, Decanato São João Evangelista, aconteceu a posse do Frei Gustavo Medella como Pároco, e a apresentação do Frei Edvaldo Batista Soares como Vigário Paroquial, além da apresentação da nova fraternidade franciscana, em missa presidida por Dom Rogério Augusto das Neves e concelebrada por diversos frades da comunidade franciscana. A celebração também marcou o início das atividades do Pós-Noviciado, bem como a abertura do ano pastoral paroquial. Na homilia, o Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Sé destacou o valor espiritual dos tempos de provação e amadurecimento na vida cristã, recordando que “o deserto não é apenas lugar de privação; é também lugar de superação”. **(por Pascom paroquial)**



No sábado, 21, na **Paróquia São Joaquim**, Decanato São Tiago de Alfeu, 66 jovens e adultos receberam o sacramento da Crisma, em missa presidida por Dom Rogério Augusto das Neves, Bispo Auxiliar da Arquidiocese na Região Sé, e concelebrada pelo Padre Geraldo Pedro dos Santos, Pároco. **(por Pascom paroquial)**



No dia 14, em missa na **Paróquia Imaculada Conceição**, Decanato São Tiago de Alfeu, Dom Rogério Augusto das Neves deu posse ao Frei Paulo Henrique Romêro, OFMCap., como Pároco. Entre os concelebrantes estiveram o Frei Maurício dos Anjos, OFMCap., Ministro Provincial; Frei Nilton César Groppo, Vigário Provincial e apresentado como Vigário Paroquial; e Frei Francisco Erlânio, OFMCap., Conselheiro Provincial. **(por Patrícia Coppio)**



No sábado, 21, no Santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, Decanato São Tiago de Alfeu, foi realizada a primeira reunião dos coordenadores dos **Ministros Extraordinários da Sagrada Comunhão (MESCs) de 2026 na Região Sé**. O encontro foi assessorado pelo Cônego Helmo Cesar Faccioli, Assistente Eclesiástico para os MESCs na Região Sé, que fez uma meditação sobre a Quaresma. Ao final do encontro, Cônego Helmo foi homenageado pelos seus 50 anos de ordenação presbiteral. **(por Secretariado de Comunicação Regional)**

Ucrânia / Vaticano

Igreja reafirma apoio à nação europeia que sofre com a guerra há 4 anos

JOSÉ FERREIRA FILHO
osaopaulo@uol.com.br

O Papa Leão XIV recebeu em audiência, no dia 12, no Vaticano, Dom Sviatoslav Shevchuk, Arcebispo-mor de Kiev-Halič e líder da Igreja Greco-Católica Ucraniana, enquanto a invasão em grande escala pela Rússia completa quatro anos.

O Arcebispo-mor agradeceu ao Papa por sua solidariedade e apoio à Ucrânia, bem como o empenho da Santa Sé no caminho para uma paz justa e duradoura naquela nação.

Esse apoio incluiu esforços diplomáticos do Vaticano para pôr fim ao conflito e garantir o retorno dos prisioneiros de guerra, bem como de milhares de crianças ucranianas que foram sistematicamente deportadas pela Rússia, despojadas à força de sua identidade originária e colocadas para adoção em famílias russas, muitas delas militarizadas.

“Agradeço ao Santo Padre a importante missão do Vaticano em salvar vidas humanas, na qual a Santa Sé tem estado sistematicamente envolvida desde o início da guerra em grande escala na Ucrânia”, afirmou o Arcebispo-mor.



Caritas Ukraine

Ele disse também que Leão XIV “ficou impressionado com o fato de nossa Igreja ter desenvolvido e estar implementando ativamente seu plano pastoral ‘Curando as Feridas da Guerra’”, o qual busca abordar as consequências físicas, emocionais e espirituais causadas pelo conflito.

Ao término da audiência, Dom Sviatoslav estendeu mais uma vez o convite ao Papa Leão XIV para visitar a Ucrânia. Ele também presenteou o Pontífice com “A Pomba da Paz em Tempo de Guerra”, uma escultura em cerâmica do artista e cardiologista italiano Luciano Capriotti. A obra inclui um fragmento metálico de um míssil russo lançado contra a cidade de Kharkiv, no leste da Ucrânia.

“Este é um belo símbolo da Ucrânia moderna, ferida, mas viva”, disse o Arcebispo-mor. Antes de partir, pediu a bênção do Sucessor de Pedro para o povo ucraniano. E o Pontífice, por sua vez, assegurou suas constantes orações pela Ucrânia.

Após a Audiência-geral do dia 18, Leão XIV declarou: “Convido a todos a se unirem em oração pelo povo ucraniano assolado pela guerra e por todos aqueles que sofrem por causa dela, para que o tão esperado dom da paz ilumine nossos dias”.

O Pontífice voltou a falar sobre a guerra na Ucrânia no *Angelus* do domingo, 22 (leia mais na página 16).

Fontes: Catholic Review e Vatican News

Liturgia e Vida

2º DOMINGO DA QUARESMA
1º DE MARÇO DE 2026

‘Senhor, é bom ficarmos aqui’

PADRE JOÃO BECHARA VENTURA

Depois de anunciar a sua Paixão e Morte, Jesus disse aos discípulos que deveriam tomar a própria cruz e garantiu que “alguns dos que aqui estão não provarão a morte até que vejam o Filho do Homem vindo em seu Reino” (Mt 16,28). Então, levou Pedro, Tiago e João “a um lugar à parte, sobre uma alta montanha” (Mt 17,1) e lhes mostrou em que consistiria tal “vinda em seu reino”: transfigurou-se, com “o rosto brilhante como o sol e as roupas brancas como a luz” (Mt 17,2). Os apóstolos saborearam um lampejo do que será o Céu, a visão beatífica. Moisés e Elias – representando a Lei e os Profetas do Antigo Testamento – falavam com Jesus. Manifestaram-se também o Pai e o Espírito Santo: “Uma nuvem luminosa os cobriu com sua sombra. E da nuvem uma voz dizia: ‘Este é o meu Filho amado, no qual eu pus todo meu agrado’” (Mt 17,5).

Desse modo, o Senhor quis confirmar o que pouco antes Pedro confessara – “Tu és o Cristo, Filho do Deus vivo” (Mt 16,16). Além disso, dava aos discípulos um grande conforto para que, no momento da Paixão, ao verem Jesus desfigurado e morto, não perdessem a fé. Não à toa, João seria o único apóstolo a permanecer com o Senhor no Calvário. No prólogo do seu Evangelho, recordaria: “Nós vimos a Sua glória, como de um Unigênito do Pai cheio de graça e verdade” (Jo 1,14). São Pedro também justificaria sua autoridade apostólica pelo fato de que “nós ouvimos a voz de Deus Pai quando ela foi dirigida do Céu, ao estarmos com Cristo na montanha santa” (2Pd 1,18).

A Transfiguração marcou de tal modo os três Apóstolos que se pode dizer que foi determinante para que suportassem as tribulações e trabalhos que lhes esperavam. Assim também em nossas vidas, o Senhor nos reserva alguns momentos de doçura e de clareza espiritual para que, nas dificuldades, nos sirvam de sustento e nos recordem o caminho a seguir. O Senhor é tão bom e solícito que, prevendo os momentos de escuridão e dor, prepara-nos previamente com a Sua luz.

Temos, porém, a oportunidade de receber cotidianamente um pouco da luz fortalecedora de Cristo, por meio dos momentos diários de oração. Podemos nos colocar em “um lugar à parte” com Jesus fazendo silêncio diante de uma imagem, visitando uma igreja para orar, rezando o Terço ou visitando o Santíssimo Sacramento. Nesses momentos, o Senhor nos ilumina, aumenta-nos a fé e fala-nos ao coração sem ruído de palavras. Empregar tempo para estar a sós com Deus, sobre a “alta montanha” da oração, é algo necessário para que permaneçamos fiéis ao Senhor, mesmo que tudo se torne difícil. Por isso, Santo Afonso de Ligório dizia a famosa frase: “Quem reza se salva, quem não reza se condena”.

A oração deve ser ainda mais intensa na Quaresma! Por meio dela, Deus nos confirma na fé. Sem ela, perdemos a direção, a esperança e a caridade. Sem ela, ainda que queiramos fazer o bem, erramos! No início, a oração é difícil. Depois, com um pouco de prática, passamos a amá-la e a dizer “Senhor, é bom ficarmos aqui” (Mt 17,4)!

Kuwait

Católicos oferecem sustento a muçulmanos durante a vivência da Quaresma e do Ramadã

A Igreja Católica no Kuwait lançou uma iniciativa de amor e fraternidade para marcar o início simultâneo, este ano, da Quaresma cristã e do Ramadã muçulmano (um período de jejum de cerca de 30 dias).

A iniciativa visa a expressar solidariedade e fortalecer os valores da convivência entre cidadãos da nação.

Na entrada da Catedral da Sagrada Família, vários padres se juntaram para distribuir água e tâmaras aos muçulmanos que passavam e estavam em jejum, pouco antes da chamada para a oração do pôr do sol, que marca o momento de quebrar o jejum.

O gesto, explicou o Padre Suleiman Haifawi, porta-voz da Igreja Católica no Kuwait, tinha como objetivo compartilhar “o primeiro momento da quebra do jejum”, oferecendo “tâmaras e água, os dois elementos essenciais na tradição de encerrar o jejum do dia”.

O Sacerdote afirmou que a sobreposição entre a Quaresma e o Ramadã é mais do que uma mera coincidência de calendário. É, segundo ele, um sinal de esperança com um significado espiritual mais profundo: que valores espirituais compartilhados podem aproximar as pessoas e unir os cidadãos.

“O jejum, em sua essência, é uma escola de arrependimento, oração e

misericórdia”, disse ele. “Quando nós, cristãos, jejuamos e nossos irmãos muçulmanos jejuam ao mesmo tempo, sentimos que há um chamado compartilhado para retornar a Deus, purificar o coração e servir à pessoa humana.”

Padre Suleiman descreveu a iniciativa como um ato de solidariedade, respeito e consideração para com aqueles que estão em jejum.

“Queríamos dizer que a Igreja é um lar aberto”, afirmou ele, “a fé autêntica gera fraternidade, e que o amor prático importa mais do que as palavras. Também queremos lembrar aos cristãos que o jejum deve nos levar à abertura para com os outros e ao serviço a eles, não ao isolamento.”

O Sacerdote também destacou a co-movente reação dos transeuntes, muitos dos quais expressaram gratidão e alegria pelo gesto.

“Alguns pararam para nos agradecer e apertar as mãos; outros tiraram fotos e disseram que estavam orgulhosos de ver isso no Kuwait”, disse o Padre. Ele observou que aqueles que se envolveram com a iniciativa eram de várias nacionalidades, ressaltando sua dimensão amplamente humana.

Padre Suleimani observou também que o Kuwait há muito se destaca pela abertura e por uma cultura de respeito

mútuo. A coexistência ali não é apenas um *slogan*, acrescentou, mas uma realidade diária: as pessoas praticam sua fé em paz, refletindo uma profunda consciência social da importância da liberdade religiosa.

“O espírito da Constituição do Kuwait, o apoio oficial à moderação e a consciência da própria sociedade, todos esses fatores fizeram do país um modelo na região”, disse ele. “Por meio de nossa iniciativa, quisemos reafirmar esse modelo e mostrar que seu povo — muçulmanos e cristãos — compartilha os valores de misericórdia, respeito e serviço aos necessitados.”

O Vicariato Apostólico da Arábia do Norte e a Igreja Católica no Kuwait há muito tempo buscam promover uma cultura de encontro, diálogo e serviço à sociedade por meio de iniciativas humanitárias, encontros conjuntos e trabalho de caridade.

Padre Suleiman afirmou que, embora a iniciativa seja simbólica, ela deriva da firme convicção de que o fortalecimento da fraternidade humana não é um evento isolado, mas um caminho contínuo.

“Acreditamos que construir pontes exige passos simples, mas passos sinceros”, concluiu o Sacerdote. (JFF)

Fonte: ACI Mena

Papa Leão XIV: ‘Somos convidados a redescobrir a graça do Batismo’

FILIPE DOMINGUES
ESPECIAL PARA O SÃO PAULO

Ao mesmo tempo que o Batismo transforma a vida de cada cristão, abrindo as portas da Igreja para a pessoa batizada, ele também é um mistério que se aprofunda e se desenvolve ao longo da vida. Na Quaresma, “somos chamados a redescobrir a graça do Batismo, como fonte de vida que vive em nós e que, de modo dinâmico, nos acompanha no mais absoluto respeito da nossa liberdade”, disse o Papa Leão XIV no domingo, 22.

VISITAS PASTORAIS

O Santo Padre presidiu a celebração da Eucaristia na Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, localizada no centro de Roma, ao lado da estação central de trens “Termini”. O local é conhecido por ser uma “periferia no Centro de Roma”, pois ao redor da estação vivem muitas pessoas em situação de rua, migrantes e refugiados, comerciantes, universitários, além dos mais de 400 mil viajantes que passam por ali todos os dias.

Esta é a segunda visita pastoral de Leão XIV a uma paróquia da Diocese de Roma, da qual é bispo. Durante a



Leão XIV abençoa fiéis na visita pastoral à Paróquia do Sagrado Coração de Jesus, em Roma, dia 22

Quaresma, ele visitará várias comunidades paroquiais, uma de cada um dos setores pastorais em que a Diocese está dividida. “Serão verdadeiras visitas pastorais”, disse o Cardeal Baldo Reina, Vigário do Papa para a Diocese de Roma.

Segundo o Cardeal, o Papa se reunirá com os organismos de participação, os animadores pastorais e algumas realidades juvenis. O ponto alto de cada visita será a celebração eucarística com

toda a comunidade paroquial. “O Santo Padre inicia as visitas às paróquias de sua Diocese, seguindo os passos de seus antecessores, e isso é motivo de grande alegria para todos nós, além de nos permitir aprofundar com nosso Bispo os temas do plano pastoral”, informou o Cardeal, em comunicado.

VIVER A ENCARNAÇÃO

Nesse contexto, o Papa refletiu, na homilia, sobre a oportunidade de

se viver “como criaturas plenamente renovadas, graças à Encarnação, à Morte e à Ressurreição de Cristo”. Nas palavras do Papa, “o ser humano é livre para reconhecer e acolher a alteridade do Criador, o qual reconhece e acolhe a alteridade das criaturas”.

Diante da cena em que Cristo é tentado pelo demônio, é possível admirar o mistério da encarnação pois até mesmo Ele viveu essa condição humana. No entanto, resistindo à oposição desse “antigo adversário”, Cristo nos revela “o homem novo, livre, a epifania da liberdade que se realiza dizendo ‘sim’ a Deus”.

Hoje, podemos repetir esse “sim” por meio do Batismo, observou o Pontífice. Trata-se de um sacramento “dinâmico”, disse ele, “porque o que oferece não termina dentro do espaço e do tempo do rito (batismal), mas é uma graça que acompanha constantemente a vida inteira”.

Além disso, o Batismo é dinâmico porque “nos coloca sempre de novo em caminho, a partir do momento que a graça é uma voz interior que nos solicita a nos adaptarmos a Jesus, permitindo que nossa liberdade encontre cumprimento no amor a Deus e ao próximo”.

Quatro anos de guerra na Ucrânia: ‘Quanta destruição!’

Após a oração do *Angelus* do 1º Domingo da Quaresma, dia 22, o Papa Leão XIV recordou o triste aniversário de quatro anos do início da invasão da Rússia na Ucrânia, uma guerra que perdura ainda hoje.

“Passaram-se já quatro anos desde o início da guerra contra a Ucrânia. O meu coração continua voltado para a dramática situação que está diante

dos olhos de todos: quantas vítimas, quantas vidas e famílias despedaçadas, quanta destruição, quanto sofrimento indescritível!”, disse o Papa. “Toda guerra é realmente uma ferida infligida à inteira família humana: deixa para trás morte, devastação e um rastro de dor que marca gerações.”

O Pontífice acrescentou que “a paz não pode ser

adiada”, pois “é uma necessidade urgente, que deve encontrar espaço nos corações e traduzir-se em decisões responsáveis”. O Santo Padre repetiu o seu apelo: “Que as armas se calem, que cessem os bombardeamentos, que se chegue sem demora a um cessar-fogo e que se reforce o diálogo para abrir caminho à paz”, declarou. (FD)

Início do retiro espiritual da Cúria Romana

Ainda no domingo, 22, o Papa Leão XIV iniciou um percurso de exercícios espirituais com os líderes dos dicastérios da Cúria Romana e os cardeais residentes em Roma. Esta é a primeira Quaresma

deste pontificado.

As meditações quaresmais são realizadas no fim do dia, após a oração das Vésperas, na Capela Paulina, que fica no Palácio Apostólico do Vaticano. Elas são con-

duzidas por Dom Erik Varden, Prelado de Trondheim, na Noruega, e membro da Ordem dos Cistercienses da Estrita Observância. O tema geral dos encontros é “Iluminados por uma glória escondida”. (FD)

ASSUNÇÃO
CENTRO
UNIVERSITÁRIO

Transforme o seu futuro no ASSUNÇÃO! Escolha estudar em um Centro Universitário com nota **MÁXIMA no MEC**, tradição em ensino de qualidade e compromisso com a sua formação. Aqui, você conquista sua **Graduação com 50% de desconto*** e tem acesso a cursos de **Pós-Graduação com condições e descontos especiais e oportunidades únicas para crescer profissionalmente.**

*Desconto exclusivo para ingressantes via Projeto “Vamos Sonhar Juntos”

INSCREVA-SE JÁ!

Aulas das 19h às 21h50,
on-line ao vivo às sextas

Rua Afonso Celso, 711 (Metrô Santa Cruz) - Vila Mariana
www.unifai.edu.br

WhatsApp
(11) 5087-0187